



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Arquitetura

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos Torres Vedras

Daniela Simões Santos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Arq. Luís Miguel Moreira Pinto

Covilhã, outubro de 2014

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

À família e aos amigos mais chegados...

"A vida pode mudar a arquitetura. No dia em que o mundo for mais justo, ela será mais simples."

(Óscar Niemeyer)

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Agradecimentos

Aos meus pais, Maria dos Prazeres Santos e Luís Pedro Santos, que suportaram todos os encargos financeiros, permitindo o meu desenvolvimento intelectual, oferecendo prioridade á realização dos meus estudos, assim como atenuando a minha ausência no seio familiar.

Valorizo todo o tempo em que estive ausente, pela distância geográfica, pacientemente suportada pelo meu namorado e família, agradecendo afavelmente o seu apoio prestado.

Aos meus amigos agradeço todas as partilhas, o companheirismo, a amizade em todos os momentos dignos de recordações que ficarão para toda a vida após estudante.

Ao Professor Doutor Arquiteto Luís Miguel Moreira Pinto, orientador desta dissertação, expresso o meu agradecimento por ter acreditado neste projeto, ajudando-me a encontrar o caminho para concretizá-lo, através da transmissão de conhecimentos e conselhos.

Á Câmara Municipal de Torres Vedras, ao departamento de Urbanismo, ao Arquivo Municipal e á Biblioteca Municipal agradeço toda a colaboração proporcionada para o desenvolvimento do presente documento.

A Associação para a defesa e Divulgação do Património cultural de Torres Vedras, mais concretamente ao Senhor Joaquim Moedas, desejo expressar o meu agradecimento.

Á organização das Termas do Vale dos Cucos manifesto o meu agradecimento, pela disponibilidade em facultar informação sobre o local.

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Resumo

Portugal possui uma vasta arquitetura termal, assim como muitas fontes termais; o mesmo se verifica por toda a Europa. No entanto poucas são as análises e estudos sobre a sua recuperação arquitetónica, existem diversas publicações sobre os complexos termais existentes, mas poucas desenvolvem caminhos e soluções para a recuperação do seu edificado, demonstrando qualidades e fragilidades.

Esta dissertação pretende humildemente colmatar um pouco esta falta. Inicia-se o tema do Património das Estâncias Termais, refletindo sobre a importância do já construído para a identidade local do edificado, assim como para a identidade da sociedade que revê tradições, cultura e história na relevância da preservação do construído. Aborda-se no conceito geral a legislação, recorrendo à Lei das bases do Património, no sentido de perceber de que forma é gerido e protegido. No ponto seguinte focamo-nos no Termalismo para neste meio compreender a atividade e as necessidades que esta requer, através da funcionalidade interior do edifício. A arquitetura termal portuguesa é tratada, referindo os benefícios da sua recuperação, assim como as estratégias e objetivos a alcançar através desta. Analisam-se complexos termais nacionais e internacionais relevantes para o caso de estudo, as Termas do Vale dos Cucos. Por fim procedemos à análise das termas a requalificar e à apresentação da proposta de requalificação das mesmas.

Palavras-chave

Património; Termalismo; Estâncias Termais; Arquitetura; História.

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Abstract

Portugal has a large thermal architecture, as well as many thermal fountains; the same is true throughout Europe. However there are a few studies and analyzes of its architectural recovery, there are several publications on the existing thermal complexes, but a few develop ways and solutions for the recovery of its buildings, demonstrating strengths and weaknesses.

This dissertation aims to fill a little humbly this lack. Begins the theme of Heritage thermal Resorts, reflecting on the importance of the already built in the local identity of the building as well as the identity of the society, that lives there, which revises traditions, culture and history in the relevance of the preservation of the built. The legislation is boarded in the general concept, using the foundations of the Heritage Act, in order to understand how it is managed and protected. In the following section we focus on the Thermalism theme, to understand the activity and needs that require this functionality through the inside of the building. The Portuguese thermal architecture is treated in the way of reviewing the benefits of their recovery, as well as strategies and objectives to achieve through this. We analyze the relevant national and international thermal complexes for the case of study, the Baths of the Valley of the Cucos. Finally we analyzed the thermal baths to requalifying, and in the end, we proceed to the presentation of the proposed redevelopment of the same.

Keywords

Heritage; Thermalism; Thermal Resorts; Architecture; History.

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O TEMA	1
1.2. OBJETIVOS	1
1.3. METODOLOGIA	2
2. PATRIMÓNIO DAS ESTÂNCIAS TERMAIS	3
2.1. A IMPORTÂNCIA DE ESPAÇO E LUGAR	3
2.2. PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO, CONCEITOS GERAIS	6
2.3. PATRIMÓNIO REFERENTE ÀS ESTÂNCIAS TERMAIS	10
3. O TERMALISMO	11
3.1. A ORIGEM DAS TERMAS	11
3.2. O TERMALISMO EM PORTUGAL	14
3.3. PRÁTICAS DOS ESTABELECIMENTOS TERMAIS	16
4. ARQUITETURA TERMAL PORTUGUESA	21
4.1. BENEFÍCIOS DA SUA RECUPERAÇÃO	21
4.2. AS ESTRATÉGIAS E OS OBJETIVOS DA REABILITAÇÃO	22
4.3. CONCEITOS RELEVANTES	26
5. CASOS DE ESTUDO	27
5.1. TERMAS NACIONAIS	27
5.1.1. TERMAS DO ESTORIL	27
5.1.2. TERMAS DAS CALDAS DA RAINHA	36
5.2. TERMAS INTERNACIONAIS	42
5.2.1. TERMAS DE BATH	42
5.2.2. TERMAS DE VICHY	49
6. TERMAS DO VALE DOS CUCOS	53
6.1. IDENTIFICAÇÃO	55
6.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	58
6.3. LEITURA FORMAL DO CONJUNTO	64
6.4. PATRIMÓNIO DAS TERMAS DO VALE DOS CUCOS	69
7. PROPOSTA: TERMAS DO VALE DOS CUCOS	71
7.1. O CONCEITO	71
7.2. O PROGRAMA	72
7.3. A CONSTRUÇÃO	76
7.4. LEGISLAÇÃO	78
8. CONCLUSÃO	79
9. BIBLIOGRAFIA	81

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Lista de Figuras

Figura 1 - Banhos Romanos, Ruínas do Tepidarium.....	13
(Fonte: http://thearcheology.wordpress.com/2010/06/25/thermae-os-banhos-na-roma-antiga-parte-2/)	
Figura 2 - Estâncias Termas de Portugal, 1958.....	16
(Fonte: http://blog.turismoalgarve.pt/2011/09/praias-e-termas.html)	
Figura 3 - Termas do Estoril.....	27
(Fonte: http://www.cm-cascais.pt/bibliotecadigital/136823/136823_item1/136823_PDF/136823_PDF_24-C-R0150/136823_0000_Obra%20completa_t24-C-R0150.pdf)	
Figura 4 - Termas do Estoril, 1880.....	28
(Fonte: http://www.cm-cascais.pt/bibliotecadigital/136823/136823_item1/136823_PDF/136823_PDF_24-C-R0150/136823_0000_Obra%20completa_t24-C-R0150.pdf)	
Figura 5 - Termas do Estoril, 1894.....	28
(Fonte: http://www.cm-cascais.pt/bibliotecadigital/136823/136823_item1/136823_PDF/136823_PDF_24-C-R0150/136823_0000_Obra%20completa_t24-C-R0150.pdf)	
Figura 6 - Termas do Estoril, 1918.....	28
(Fonte: http://www.cm-cascais.pt/bibliotecadigital/136823/136823_item1/136823_PDF/136823_PDF_24-C-R0150/136823_0000_Obra%20completa_t24-C-R0150.pdf)	
Figura 7 - Wellness Center, 2010.....	28
(Fonte: http://www.technal.pt/upload/Technal%20Portugal/etcetera/etcetera_3/wellness_324x324_1.jpg)	
Figura 8 - Fachada do Estoril Wellness Center.....	29
(Fonte: http://ebook.technal.com/en/005_centre-wellness/)	
Figura 9 - Spa, duche Vichy.....	30
(Fonte: http://www.bestguide.pt/banyan-tree-spa-estoril/)	
Figura 10- Spa, piscina.....	30
(Fonte: http://www.technal.pt/upload/Technal%20Portugal/etcetera/etcetera_3/wellness_660x330_1.jpg)	
Figura 11 - Perímetro do terreno termal, implantação do novo balneário.....	31
(Fonte: Dissertação “Arquitetura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 178)	
Figura 12 - Piso 0.....	34
(Fonte: http://www.apavisa.com/wp-content/catalogos/folleto_termas_ENGLISH.pdf)	
Figura 13 - Piso 1.....	34
(Fonte: http://www.apavisa.com/wp-content/catalogos/folleto_termas_ENGLISH.pdf)	
Figura 14 - Piso 2.....	34
(Fonte: http://www.apavisa.com/wp-content/catalogos/folleto_termas_ENGLISH.pdf)	
Figura 15 - Piso 3.....	35
(Fonte: http://www.apavisa.com/wp-content/catalogos/folleto_termas_ENGLISH.pdf)	

Figura 16 - Alçado Poente.....	35
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 181.)	
Figura 17 - Corte A-B.....	35
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 181.)	
Figura 18 - Fachada Principal do Hospital Termal das Caldas da Rainha.....	36
(Fonte: Miguel Chaby, Caldas da Rainha, 02 do Dezembro de 2009, http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CaldasRaiPTBR27.htm)	
Figura 19 - Alçado Principal dos Pavilhões do Parque, Rodrigo Berquó.....	38
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 99.)	
Figura 20 - Fotografia frontal do Hospital Termal das Caldas da Rainha.....	39
(Fonte: Gazeta das Caldas, 7 de Setembro de 2012, Pedro Antunes, http://www.gazetacaldas.com/25334/bacterias-mantem-hospital-termal-encerrado/)	
Figura 21 - Planta geral do Complexo Termal das Caldas da Rainha.....	40
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 94.)	
Figura 22 - Planta do Piso 1 do Hospital Termal, levantamento atual.....	41
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 98.)	
Figura 23 - Planta do Piso 1 do Balneário.....	41
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 101.)	
Figura 24 - Edifício Hot Bath.....	42
(Fonte: Bdonline.co.uk, Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects, 04 de Agosto de 2006 http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article)	
Figura 25 - Cobertura do Thermae Bath Spa.....	44
(Fonte: Grimshaw, Thermae Bath Spa, Bath, UK http://grimshaw-architects.com/project/thermae-bath-spa/)	
Figura 26 - Salas de vapores.....	45
(Fonte: Grimshaw, Thermae Bath Spa, Bath, UK http://grimshaw-architects.com/project/thermae-bath-spa/)	
Figura 27 - Hot Bath	45
(Fonte: Grimshaw, Thermae Bath Spa, Bath, UK http://grimshaw-architects.com/project/thermae-bath-spa/)	
Figura 28 - Piscina Piso 0.....	45
(Fonte: Grimshaw, Thermae Bath Spa, Bath, UK http://grimshaw-architects.com/project/thermae-bath-spa/)	
Figura 29 - Piso -1.....	47
(Fonte: Bdonline.co.uk, Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects, 04 de Agosto de 2006 http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article)	

Figura 30 - Piso 0.....	47
(Fonte: Bdonline.co.uk, Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects, 04 de Agosto de 2006 http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article)	
Figura 31 - Piso 1.....	48
(Fonte: Bdonline.co.uk, Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects, 04 de Agosto de 2006 http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article)	
Figura 32 - Piso da cobertura.....	48
(Fonte: Bdonline.co.uk, Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects, 04 de Agosto de 2006 http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article)	
Figura 33 - Ailleurs, Fonte Lucas.....	49
(Fonte: http://www.bloc.com/images_administrables/bibliotheque/grande/cure-thermale-sation-thermale-de-vichy.jpg)	
Figura 34 - Casino com sala de ópera.....	51
(Fonte: http://yannick.reynard.free.fr/photographie/lieuxp/slides/opera%20de%20vichy.htm)	
Figura 35 - Imagem virtual, projeto para complexo termal, Jean Nouvele.....	52
(Fonte: Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011, página 130.)	
Figura 36 - Cúpula, Thermes des Dômes.....	53
(Fonte: http://regardailleurs.morkitu.org/escapades/allier/)	
Figura 37 - Fachada principal, Thermes des Dômes.....	53
(Fonte: http://regardailleurs.morkitu.org/escapades/allier/)	
Figura 38 - Pintura interior, Thermes des Dômes.....	53
(Fonte: http://regardailleurs.morkitu.org/escapades/allier/)	
Figura 39 - Fonte Grand Grille, Thermes des Dômes.....	53
(Fonte: http://regardailleurs.morkitu.org/escapades/allier/)	
Figura 40 - Localização da Cidade no espaço e das termas no ponto vermelho.....	54
(Fonte: https://www.google.pt/maps/@38.9954378,-9.1411938,10z)	
Figura 41 - Vista aérea das Termas dos Cucos.....	54
(Fonte: https://www.google.pt/maps/@38.9954378,-9.1411938,10z)	
Figura 42 - Envolvente natural do Parque das Termas dos Cucos.....	55
(Fonte: Autor)	
Figura 43 - Planta Topográfica do Vale dos Cucos.....	58
(Fonte: Mangorrinha, Jorge, O Lugar das Termas, página 128)	
Figura 44 - Preparação das lamas no edifício termal.....	60
(Fonte: Mangorrinha, Jorge, O Lugar das Termas, página 256)	
Figura 45 - Edifício Termal e Hotel.....	63
(Fonte: Autor)	
Figura 46 - Moradias.....	63
(Fonte: Autor)	
Figura 47 - Casino.....	63
(Fonte: Autor)	
Figura 48 - Buvette.....	63
(Fonte: Autor)	

Figura 49 - Fachada das Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 50 - Salão, Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 51 - Escadaria, Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 52 - Banhos, Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 53 - Duches, Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 54 - B. de cadeira, Termas.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 55 - Fachada do Hotel.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 56 - Entrada do Hotel.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 57 - Quarto do Hotel.....	65
(Fonte: Autor)	
Figura 58 - Salão do Casino.....	66
(Fonte: Autor)	
Figura 59 - Cozinha copa, Casino.....	66
(Fonte: Autor)	
Figura 60 - Casino em recuperação.....	66
(Fonte: Autor)	
Figura 61 - Casino.....	66
(Fonte: Autor)	
Figura 62 - Moradias D. Feliciano e D. Maria.....	67
(Fonte: Autor)	
Figura 63- Interior da Buvette.....	68
(Fonte: Autor)	
Figura 64- Entrada da Buvette.....	68
(Fonte: Autor)	
Figura 65 - Paisagem da Estância Termal.....	69
(Fonte: http://torresvedrasweb.com/locais/termas-dos-cucos/)	
Figura 66- Receção do edifício Termal Spa.....	68
(Fonte: Autor)	
Figura 67- Piscinas Termais.....	68
(Fonte: Autor)	

Lista de Acrónimos

IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arqueológico
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico
DGEMN	Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
ZEP	Zona Especial de Proteção
PNT	Plano Nacional de Turismo

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

1. Introdução

1.1. O tema

O tema a desenvolver nesta dissertação refere-se à reutilização do património arquitetónico nacional das Termas, requalificando e adaptando-o a uma nova utilização sem ignorar o seu passado histórico, cultural e social, preservando a sua identidade. Intervir em edifícios que revelaram importância cultural para uma determinada sociedade, torna-se extremamente necessário numa luta contra o abandono, a degradação e o esquecimento. A existência de lugares e de edifícios que descrevem histórias, vidas e tradições sem função, são avultados, a potencialidade de alguns destes lugares para se tornarem em pontos turísticos economicamente favoráveis é remanescente. O turismo em Portugal representa cada vez mais um dos motores de impulsionamento da economia portuguesa, revelando-se numa aposta segura para o desenvolvimento do país.

A valorização do património arquitetónico, cultural, da gastronomia e da tradição de uma sociedade divulgam razão suficiente para desenvolver e projetar infraestruturas turísticas de forma a promover a região. Desta forma pretende-se desenvolver uma proposta de requalificação para as Termas do Vale dos Cucos em Torres Vedras, considerada uma das principais estâncias termais do país, classificado Monumento de Interesse Público. O projeto oitocentista, com uma grande fachada neoclássica apresenta características únicas, dotado de um parque termal de grande valor botânico que é fruído por inúmeros visitantes. As termas encontram-se fechadas ao público e em degradação constante, sendo visível a sua envergadura para se tornar num projeto de sucesso. A requalificação pretende dar ênfase ao já construído, justificando a preservação do já edificado, apenas reformulando-o.

1.2. Objetivos

Esta dissertação tem como principal finalidade desenvolver uma proposta de requalificação para as Termas do Vale dos Cucos, adaptando-o às mesmas funções, mas em necessidades diferentes, com as exigências atuais estabelecidas por lei e pelo avanço da tecnologia nos diversos fatores. Adaptar os edifícios com novas e melhoradas estruturas de forma a responder ao mercado atual. Será com base em análises sobre o Património Termal, o Turismo Termal e os benefícios da sua recuperação que iremos desenvolver a proposta. Acredita-se alcançar por este trabalho um anteprojecto de requalificação das Termas do Vale dos Cucos, dotado de consideração pelo existente com a implementação de sistemas modernizados.

1.3. Metodologia

A Metodologia deste documento desenvolve-se essencialmente em torno de uma pesquisa sobre a origem e o desenvolvimento do termalismo, o Património referente às Estâncias Termais, o levantamento de algumas termas nacionais e internacionais relevantes para o caso de estudo e a análise histórica e proposta de requalificação das Termas do Vale dos Cucos.

O documento decompõem-se em duas partes, uma de enquadramento teórico que basear-se-á numa análise através de uma abordagem pragmática e global sobre a função pretendida para o complexo e um estudo prévio sobre o local com relações históricas e culturais do mesmo; pretende-se estabelecer uma narrativa conclusiva sobre o potencial do desenvolvimento do projeto de requalificação das Termas do Vale dos Cucos. Será exposto a relevância do turismo termal, identificando algumas termas de maior pertinência, assim como a importância do património referente às estâncias termais. A segunda parte trata-se do desenvolvimento da proposta de regeneração para a Estância Termal, sendo por tanto a parte prática do trabalho em questão.

2. Património das Estâncias Termais

2.1. A importância de Espaço e Lugar

De forma a entender a importância do Património arquitetónico, consideramos primeiro a importância do Espaço e do Lugar e da sua ligação com o ser humano e a arquitetura.

O Património arquitetónico está ligado à “herança” pela história, pela cultura, pela época de construção ou até pelas técnicas utilizadas no processo. A compreensão desta “herança” necessita de estudos e análises que estabeleçam a conexão entre o passado e o presente e esclareça o seu significado e a sua importância.

Pensar e construir as suas ideias, assim compreendem os arquitetos; fazem arquitetura com base em ideias, assumem que sem ideia a arquitetura é incompleta. A sua transmissão é feita através da universalidade de obras construídas com alicerces em ideias, que dão lugar a formas que as evidenciam.

‘‘As formas destroem-se como o tempo, mas as ideias permanecem, são eternas. ‘ ‘¹

A História da Arquitetura é a história das ideias, não das formas, as ideias construídas que ficaram para sempre na memória universal do ser humano e passam de geração em geração.

«A tua casa, o teu museu, o teu mausoléu”. A minha casa, nem museu, nem mausoléu. Sobre o habitar»²

¹ Baeza, Alberto Campo, A ideia construída, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Setembro de 2009, Introdução, página 11.

² Baeza, Alberto Campo, A ideia construída, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Setembro de 2009, sobre o habitar, página 59.

O espaço é o resultado interferido pela luz numa determinada forma arquitetónica, a tradução exata da ideia, a procura da beleza e da emoção. Uma beleza despida, inteligente e autêntica na eficácia das proporções e exatidão da ideia, capaz de originar emoções num espaço iluminado.

A obtenção da beleza remete aos sentimentos de quem a encara, neste caso, em relação á arquitetura, não se define um único tipo de arquitetura bela, poderão existir vários. As necessidades do homem; função, contexto, construção e economia são complementadas pelo que, sobretudo nos dá satisfação, o Belo.

A arquitetura está presente na vida do ser humano desde os seus primórdios. É revelada na capacidade do homem em encontrar resposta á adaptação do meio, como procura instintiva de um refúgio para se abrigar, e consecutivamente na própria construção deste.

Toda a execução artesanal do processo de construir um “lugar habitável” deu ordem a um processo de evolução ao longo do tempo, estabelecendo regras e ideais diferentes e mais complexos. A função habitar para refugiar e defender já não são suficientes, adquirem-se funções estéticas e emotivas que facilitem todo o sistema de habitar um lugar.

Habitamos um lugar e criamos um vínculo de relações que se fortificam e intensificam ao longo do tempo. Estabelecemos padrões de beleza e de funcionalidades que melhoram a relação entre o homem e o habitar um espaço. Desenvolvemos uma vida arquitetónica nos espaços para os podermos vivenciar e absorver.

A ligação física da arquitetura com o homem pressupõem uma relação de escala através do movimento e de uma comunicação preceptiva, fornecida pelo ambiente espacial. A informação sensorial que recebemos ao presenciar fisicamente um espaço transmite-nos emoções cognitivas que acondicionamos na memória consoante a estima que lhe concedemos. A arquitetura estabelece um diálogo entre si e a natureza, um diálogo complexo que depende exclusivamente da variante humana. A ligação do espaço com o seu envolvente delimita o sucesso desse espaço.

O despertar das sensações num determinado espaço evoca critérios como a luz ou materiais construtivos. A vivência dos materiais representa uma percentagem elevada da identidade do espaço; o respeito pelo emprego e uso de definido material potencia a interação intencional daquele espaço com quem o frequenta.

A luz é um dos pontos fulcrais da arquitetura, passado, presente e futuro tentam controlá-la e refletir estudiosamente todas as suas potencialidades capazes de fazer sentir, num espaço adornado por ela.

A dinâmica do espaço como território físico, conectado às emoções e aos sentimentos humanos traduz-se num espaço que interage com quem o frequenta, como tecido vivo que se alimenta de elementos como a luz, materiais ou cores. O espaço onde os homens andam e vivem reflete a essência da arquitetura, a verdade do seu objetivo, o motivo pela qual o espaço foi criado e organizado... o espaço compreendido por quem o vive.

Resume-se o desígnio de espaço á ideia de limites espaciais determinados, em comparação com o conceito abrangente de lugar, em que se considera um espaço ocupado como uma localidade, um país ou um determinado ambiente á qual atribuímos nomes específicos para os identificar.

O Espaço serve de palco para o homem e posteriormente, o Lugar serve de palco para o espaço; a ligação desencadeia uma sequênciã. Os seus significados fundem-se, pois um não pode ser compreendido sem o outro. A dimensãõ aumenta quando a um espaço indiferente atribui-se-lhe significado gradualmente, passando a ser “lugar”. Lugar de familiarizaçãõ pela atribuiçãõ de valor, e é aqui que entra um fator extremamente importante, o tempo. A experiênciã de vida, de conhecimento adquirida com o tempo revela ser a principal fonte pela qual começamos a atribuir importânciã ao espaço, isto remete-nos para a existênciã dos não-lugares.

Não-Lugares sãõ lugares que não identificamos, não relacionamos com as nossas emoções, não conferimos importânciã relevante, limitando-se á solidãõ da sua funçãõ, porque simplesmente sãõ locais de passagem á qual não lhe disponibilizamos tempo suficiente.

“...Sãõ diametralmente opostos ao lar, à residênciã, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços púbclicos de rápida circulaçãõ, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, e pelos meios de transporte - mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados”³

Podemos explicar o lugar como uma revelaçãõ de habitar pelo homem, uma narrativa históricã e social associada a um espaço vivido e presenciado pelo homem. Uma paisagem não é um lugar, pois não é ocupada ou habitada pelo homem, mesmo que os seus elementos interajam com o ser humano.

A importânciã históricã e cultural do lugar é crucial para a preservaçãõ do mesmo. A recuperaçãõ de valores passados através da arquitetura confere-lhe o poder de viajar no tempo, de resistir e ficar para contar a históriã. Com a excessiva preocupaçãõ em fazer crescer cidades ao longo dos séculos, desconsiderou-se um pouco o já construído, desvalorizando épocas, tradições e até culturas. Restaurar edifícios comporta conceder uma nova oportunidade de vida a estes, mantendo a estrutura do edifício. Já reabilitar importa devolver a capacidade funcional do edifício podendo-lhe conferir uma nova fisionomia, assim como uma nova funçãõ. Adaptando a construçãõ típica de determinada época na atualidade, preservando muitas vezes traços característicos e identificativos do edifício.

³ AUGÉ, Marc, *Não-lugares*, 3ª edição, Coleçãõ Travessia do século, Campinas, Papirus, 1994, *Introduçãõ a uma antropologia da supermodernidade*, página 73.

2.2. Património Arquitectónico, Conceitos Gerais

O património resulta da interacção entre o ser humano e os lugares, ao longo do tempo; o que nos é deixado por outros e que revela extrema importância para a sociedade e cultura da mesma. O Património arquitectónico é fundamentado no construído, nos seus elementos físicos, no conceito urbano em que se insere, servindo como reflexão em relação ao que retrata hoje e no que representou no passado, encaminhando a reflexão para o futuro. A sua conservação e valorização revela aspectos atrativos para determinada sociedade, aliado a valores associados à relevância histórica, arquitectónica, urbanística, social e cultural. O Património traduz-se na preservação e construção da identidade da sociedade local. Representa a base do desenvolvimento local e regional que irá permitir traçar novos caminhos.

Para a defesa, conservação e preservação do Património, nos anos 30, deu-se início ao desenvolvimento de cartas e convenções internacionais, organizando regulamentos e princípios doutrinários. Com a existência de muitos exemplos oficiais, apenas transcrevo no conceito geral, pela sua relevância no contexto, alguns deles.

.Carta de Atenas

A Carta de Atenas é instituída na sua cidade em Outubro de 1931, no I Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Esta carta marca o primeiro documento oficial que protege a conservação dos monumentos históricos, redireccionando o restauro destes edifícios para a preservação do seu aspeto e contexto natural, em substituição da sua reconstrução integral. Procedeu-se com esta carta à elaboração de doutrinas para a protecção dos edifícios em questão. Sendo que cada caso será um caso específico, na respetiva deterioração do edifício deverá ser mantida a sua identidade e ligação histórica, respeitando a sua época no restauro. Assegurar a continuidade de utilização do edifício, adaptando-o a novas funções e à nova realidade, sem remover a sua personalidade física e cultural. Quanto aos materiais de restauro, foram aprovados a inclusão de materiais modernos no edifício como o betão armado a fim de evitar situações de desmoronamento. Devendo permanecer a caracterização específica do edifício, deve-se disfarçar os materiais resistentes, salvo exceções em que se torna impossível fazê-lo. Uma análise conscienciosa sobre as patologias do edificado é certificada como sendo estritamente necessária, antes de qualquer atividade de restauro.

.Carta de Veneza

A Carta de Veneza é publicada em Veneza, como o nome indica, através do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, em Maio de 1964. De forma a renovar e modernizar a Carta de Atenas, institui-se a Carta de Veneza com o intuito de no mesmo contexto da Carta de Atenas, orientada para as intervenções de conservação e restauro de monumentos históricos, mas com a inclusão de recomendar o abrangimento da envolvente natural do monumento histórico, no seu significado, respeitando e preservando-o de idêntica forma. Foi então estipulado nesta carta sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios, que a conservação desses edifícios determinava uma manutenção permanente e que a sua adaptação a funções úteis para a sociedade beneficia a sua conservação, desde que a ornamentação do edifício não seja alterada. Distinguindo-se do original, a recuperação não deve desarmonizar o conjunto, mas sim integrar-se nele, o acréscimo de elementos deve respeitar as partes integrantes do edifício.

.Convenção de Faro

A Convenção de Faro ou a Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, foi assinada a 27 de Outubro de 2005 e ratificada em 2008, em Portugal. Sendo exposto e redefinido o conceito de património arquitetónico na conjuntura da atualidade, identificando-o para além de ser um espólio de cada estado/nação, seria também pensado e identificado como um meio de serviço, proporcionando vantagens económicas e socioculturais a uma sociedade.

Como resultado das inúmeras cartas e convenções focadas na proteção e conservação do património cultural, difundidas pelo conselho da Europa e pela UNESCO⁴, Portugal adaptou-as também.

A Classificação e a protecção, assim como a inventariação do património edificado em Portugal é gerido pela IGESPAR⁵, salvaguardando e protegendo o património português. Os imóveis classificam-se em três categorias: Imóvel de interesse Municipal, Imóvel de interesse Público e Monumento Nacional.

⁴ UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, protege a segurança e a preservação da prosperidade nos domínios da educação, ciência e cultura.

⁵ IGESPAR- Instituto de gestão do património arquitetónico e arqueológico, é quem gere e garante a salvaguarda dos bens pelos seus interesses, quer histórico, artístico, paisagístico, social ou cultural.

Entende-se por Monumento Nacional, aquele que revela elevado interesse e valor cultural para a nação. Serão exemplos monumentos, conjuntos ou sítios. Os imóveis podem ser expropriados dos proprietários quando se encontram em risco de perda ou degradação.

Imóvel de interesse Municipal representa todos os imóveis que apresentam interesse e valor cultural para o município com o conhecimento e consentimento do proprietário.

Por fim, e no verdadeiro contexto do estudo aqui apresentado, o Imóvel de interesse Público representa imóveis que fora da conjuntura burocrática do interesse nacional, apesar de grande valor social e cultural para este, necessita ser salvaguardado e preservado. Os imóveis particulares, como é o caso das Termas do Vale dos Cucos, só serão considerados e classificados como Imóvel de interesse público quando constituem um valor elevado de perda sem a protecção da IGESTAR.

A classificação procede-se sob a forma de portarias, segundo a Lei das bases do Património⁶, aprovada em 2001 pela Assembleia da República, na Lei número 107 de 8 de Setembro. Serão classificados imóveis de interesse público: SIP (sítio de interesse público), CIP (conjunto de interesse público) e MIP (monumento de interesse público).

Através do artigo 40⁷ dos bens Imóveis da lei número 107/2001 de 8 de Setembro de 2001 verifica-se que no impacto dos projetos e das obras pretendidas para um MIP deverão ser salvaguardadas as seguintes regras: informação prévia sobre quaisquer intenções de alteração ou acrescentamentos ao projeto arquitetónico original, sujeitos a medidas de proteção pelas entidades competentes á defesa do património em questão.

⁶ Lei das bases do património - A lei número 107/ 2001 de 8 de Setembro impõem e rege os caminhos pela qual a legislação da proteção e salvaguarda do património cultural se deve gerir.

⁷ Artigo 40, título V, capítulo II, secção III, subsecção I da Lei número 107/2001 de 8 de Setembro: “1- Os órgãos competentes da administração do património cultural têm de ser previamente informados dos planos, programas, obras e projetos, tanto públicos como privados, que possam implicar risco de destruição ou deterioração de bens culturais, ou que de algum modo os possam desvalorizar.”

O Artigo 45⁸ menciona que os estudos e projetos com a finalidade de restauro, modificação ou conservação de edifícios classificados ou em vias de classificação, tem a obrigatoriedade de serem executados por profissionais legalmente especializados para o efeito. Integrando um relatório sobre a importância dos atos com a finalidade pretendida. Este desígnio é sujeito a autorização por parte da organização competente, assim como de acompanhamento. Após a intervenção é apresentado à administração do património cultural um relatório completo com a natureza do projeto e toda a sua documentação gráfica.

O Artigo 60⁹ refere a possível atribuição de apoios e incentivos financeiros aos proprietários. A transmissão de uma propriedade classificada tem de ser comunicada de forma a atualizar os registos. Quaisquer obras ou projetos para um edifício classificado estão sujeitos a autorização.

No artigo 79¹⁰ estão vigentes as seguintes normas em relação ao ordenamento do território e obras: pressupõem-se um cuidado extra com a preparação dos instrumentos de planeamento territorial, salvaguardando a informação existente nas cartas de património arqueológico. Quais quer obras a serem planeadas ou projetadas num espaço classificado será sujeito a ajustamentos e impedimentos pelos serviços do património cultural, visando a proteção dessa estrutura.

O Artigo 97¹¹ indica os benefícios e incentivos fiscais referentes à proteção do património cultural, facilitando a aquisição e posse destes bens.

⁸ Artigo 45, título V, capítulo II, secção III, da Lei número 107/2001 de 8 de Setembro: “1 – Os estudos e projetos para as obras de conservação, modificação, reintegração e restauro em bens classificados, ou em vias de classificação, são obrigatoriamente elaborados e subscritos por técnicos de qualificação legalmente reconhecida ou sob a sua responsabilidade.”

⁹ Artigo 60, título V, capítulo II, secção V, da Lei número 107/2001 de 8 de Setembro: “1 – O registo patrimonial de classificação abrirá aos proprietários, possuidores e demais titulares de direitos reais sobre os respetivos bens culturais o acesso a regimes de apoio, incentivos, financiamentos e estipulação de contratos e outros acordos, nos termos da presente lei e da legislação de desenvolvimento.”

¹⁰ Artigo 79, título VII, capítulo II, da Lei número 107/2001 de 8 de Setembro: “1 - Para além do disposto no artigo 40.o, deverá ser tida em conta, na elaboração dos instrumentos de planeamento territorial, o salvamento da informação arqueológica contida no solo e no subsolo dos aglomerados urbanos, nomeadamente através da elaboração de cartas do património arqueológico.

¹¹ Artigo 97, título X, da Lei número 107/2001 de 8 de Setembro: “A definição e estruturação do regime de benefícios e incentivos fiscais relativos à proteção e valorização do património cultural são objeto de lei autónoma.”

2.3. Património referente às Estâncias Termais

O Património ligado às Estâncias Termais está automaticamente associado ao Património Natural, direccionado aos aquíferos e ao ambiente.

A durabilidade assim como a conservação dos recursos aquíferos serão o engenho de desenvolvimento das Estâncias Termais, sendo exclusivamente necessário uma rigorosa protecção e manutenção dos recursos hídricos termais.

Recorremos a duas vertentes para a preservação da raiz do sistema termal, a água. Sendo a vertente ambiental que assegura as condições necessárias de higiene no domínio do saneamento básico assim como o equilíbrio ecológico de um edifício para pacientes. A vertente hidrogeológica refere-se à preservação dos componentes de qualidade medicinal que contem a água e à salvaguarda da sua pureza original, o que torna as termas que a possuem distintas de todas as outras.¹²

Locais de reencontro com a natureza, assim se definem as termas, a sua preservação natural de recursos é extremamente necessária para o seu funcionamento. O património termal demonstra um valor acrescido para o renascer do Termalismo português.

¹² Mangorrinha, Jorge, O Património, Lugar das termas, página 253 “ Na batalha a favor da sua preservação torna-se importante ter em conta duas vertentes distintas, mas por vezes interdependentes...”

3.0 Termalismo

3.1. A origem das Termas

“Onde hoje se erguem termas, ontem existiram charcos, poças, nascentes e fontes, a que as populações acorriam por ter notícia de cura ou de alívio para as dores, para certos males, para certos desconfortos.”¹³

A utilização da água para fins terapêuticos é executada já há muitos séculos antes de Cristo, Egípcios e Índios já detinham tal conhecimento e utilizavam-na em prol da sua saúde.

As primeiras termas surgem na Antiguidade Clássica, na Grécia, atraindo inúmeros seguidores.

Em Roma iniciam-se de carácter simples, desenvolvendo-se com os costumes da época, transformando-se em estabelecimentos luxuosos. Tornam-se a única terapia durante séculos, existindo termas mistas e específicas para homens e para mulheres; os grandes senhores teriam o privilégio de ter em suas casas termas privadas.

A organização espacial interior das Termas era decomposta em várias salas, as principais eram o tepidarium (com água morna), o frigidarium (com água fria) e o Caldarium (com água quente); salas de ginásio e bibliotecas também faziam parte da organização interior.¹⁴

No percurso da Idade Média o uso das práticas hidrotermais sofreu percas acentuadas com a tradição dos tempos pagãos, ainda que Carlos Magno fosse assíduo nas estações de águas de efeitos terapêuticos.

¹³ Bastos, Cristiana, Das termas aos “Spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica, Seminário Das Termas aos Spas, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 28 Julho 2006, página 4.

¹⁴ URBANISMO, PAISAGISMO E ARQUITECTURA, ESTÂNCIA TERMAL DA CURIA, Revista "Patrimónios", n.º 2, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), Pós Graduação em "Património e História Local", Cap.2-A dinâmica do espaço social, Os espaços termais, página 2, “Do ponto de vista da organização do espaço interior estes complexos eram divididos em várias salas: o frigidarium (de água fria), o tepidarium (de água morna) e o Caldarium (de água quente), além de outras salas que serviam de ginásio, biblioteca e outras.”

Posteriormente á época medieval retomaram-se hábitos termais, reformularam-se tradições e principalmente na religião, os membros da Igreja mudaram opiniões sobre os tratamentos hidrominerais, permitindo o desenvolvimento e criação de mais estâncias termais.¹⁵

No Renascimento o conhecimento básico sobre o tratamento das águas minerais é abandonado e surge uma procura pelo conhecimento científico termal.

Durante o século XVIII, por toda a Europa, as termas voltam a ser reabilitadas principalmente pela aristocracia Francesa, da qual as cortes francesas tornar-se-iam seguidoras. É importante salientar que a expansão do termalismo por toda a Europa se realizou muito pelas classes altas francesas, pois á necessidade de requinte e vida boémia proporcionada pelo dinheiro aliava-se uma competição pelo espaço social prestigiado. As termas em França eram locais de excelência de vida social.

Antoine Laurent de Lavoisier, considerado o pai da química moderna, na segunda metade do século XVIII contribui para a descoberta das características químicas das águas minerais, gerando um novo significado às águas termais com poder curativo. As águas tornaram-se num objeto de estudo, desenvolvendo-se tratamentos estipulados para cada paciente.¹⁶

Na Europa, em geral, as termas adquirem real importância no século XIX, nomeadamente as estâncias de Vichy, Wiesbaden e Bath. Nesta mesma data nascem as primeiras unidades hoteleiras com equipamentos de apoio como: salões de chá, casinos e parques naturais.¹⁷

As estâncias termais eram frequentadas por pessoas padecentes de doenças e por pessoas que desejavam usufruir dos serviços desses estabelecimentos para seu próprio lazer e paz interior; em 1850 retrata-se uma afluência significativa á procura destes espaços.

¹⁵ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.246, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “Já na Europa da Idade Média, as termas foram alvo de hostilidade pelo fato de as atividades aí realizadas, especificamente os banhos quentes, serem, principalmente por parte da Igreja Católica, consideradas "infames"..."

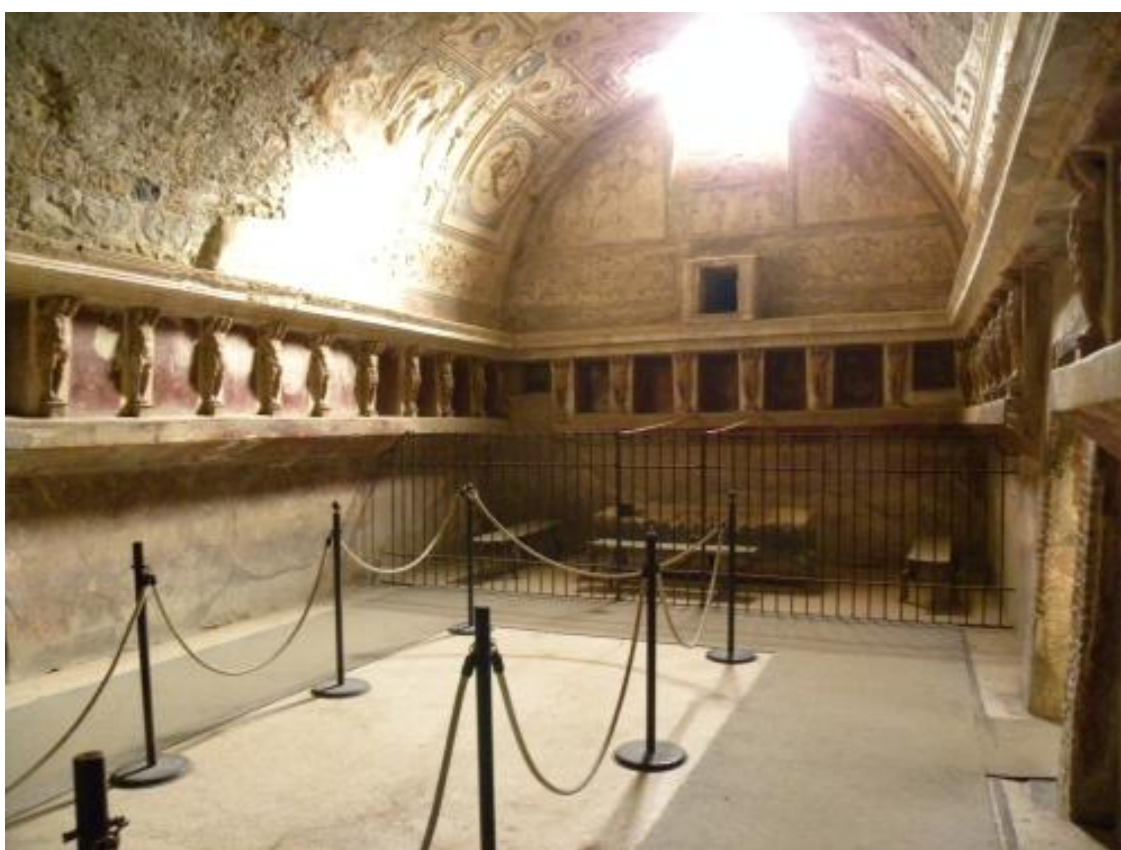
¹⁶ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.242, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “Com a descoberta da química por Lavoisier, na segunda metade do século XVIII, foram descobertas as propriedades químicas das águas minerais, até aí designadas como águas termais, curativas e/ou santas.”

¹⁷ URBANISMO, PAISAGISMO E ARQUITECTURA, ESTÂNCIA TERMAL DA CURIA, Revista "Patrimónios", n.º 2, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), Pós Graduação em "Património e História Local",Cap.2-A dinâmica do espaço social, Os espaços termais,pág.3, “Mas o grande ressurgimento das termas, sobretudo na Europa, dar-se-á no século XIX tornando-se famosas, nesta época, as estâncias de Vichy, Wiesbaden e Bath.”

O aparecimento de «ir a curas»¹⁸, retratava o facto de ir ao tratamento termal; não só para benefícios com a saúde como benefícios prazerosos, de carácter de lazer.

Após o movimento moda termal, gerado pelo glamour francês ter terminado, subsiste a necessidade de cura e a prescrição de tratamentos termais; tal motivo permite a continuidade das termas até aos dias de hoje, assim como o repensar da saúde e bem-estar.

A Cura climática surge com a consagração da saúde associada á natureza, onde o ar era detentor de maior qualidade, os alimentos mais saudáveis e as águas mais puras. Aparecem assim os Sanatórios que valorizavam elementos naturais como o ar, terra e água de forma a afiançar saúde. As termas eram designadas de locais de excelência da natureza.¹⁹



Banhos Romanos, Ruínas do Tepidarium 1

¹⁸ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.247, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “A expressão 'ir a curas' deriva do termo alemão *Kure* (Wallon, op. cit.), que, na língua portuguesa, originou a palavra curista, usado em Portugal para definir aquele que utilizava os tratamentos termais.”

¹⁹ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.249, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “A representação da natureza como sanatório tem uma história social, sendo sobretudo no século XIX que o termalismo introduziu a ideia de 'cura climática', para o qual o clima e a qualidade do ar eram prescritos como tratamento.”

3.2. O Termalismo em Portugal

Em Portugal as edificações das termas mais antigas remontam o ano de 49 A.C, em Lisboa. Em Chaves, cidade atual, no ano de 78 d.C. era conhecida como Aquae Flaviae, criada pelo imperador Flávio Vespasiano, que por razões de estratégias militares e por possuir águas de elevado valor termal desenvolveu a cidade, recebendo muitos visitantes termalistas. O Povo Árabe deu seguimento a luxuosos balneários, permanecendo majestosos vestígios.²⁰

Os reis das Astúrias e de Leão e de Leão e Castela, respetivamente, Afonso II e Afonso V, ficaram conhecidos também por usufruírem das terapias hidromedicinais. Após as consequências padecidas na reconquista D. Afonso Henriques apela às termas de S. Pedro do Sul para benefícios hidrotermais.

O Hospital Termal das Caldas da Rainha é construído no século XV por D. Leonor de Lencastre, desenvolvendo uma dimensão urbana em torno da cidade. Serão muitos os vestígios de edifícios termais encontrados em cidades nacionais; Chaves, Monchique, S. Pedro do Sul, Cabeço de Vide, Taipas, entre outros, utilizados pela nobreza portuguesa.

Contudo é mais tarde, o Marquês de Pombal que decreta analisar as nascentes naturais do reino, ficando Domingos Vandelli, naturalista, encarregue de estudar os mananciais minerais; é através desta análise que se passa a entender as Termas como utilidade pública, expondo as capacidades terapêuticas destes edifícios.

As termas de Vidago e das Pedras Salgadas adquirem relevância em Portugal, sendo consideradas estâncias balneares frequentadas pela corte entre 1875 e 1880; o desenvolvimento dos transportes como o caminho-de-ferro, a publicidade gerada em torno do estilo de vida social aristocrático presente nas visitas a estâncias termais regularizarão uma nova voga, que se tornaria num hábito saudável e numa moda social.²¹

²⁰ URBANISMO, PAISAGISMO E ARQUITECTURA, ESTÂNCIA TERMAL DA CURIA, Revista "Patrimónios", n.º 2, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), Pós Graduação em "Património e História Local",Cap.2-A dinâmica do espaço social, Os espaços termais,pág.2, "As termas mais antigas conhecidas no território atualmente configurado por Portugal fora edificadas em 49 A.C, em Lisboa, por Quinto Cássio Longino e Lúcio Cássio, o primeiro Prospetor em Espanha, da província ulterior que incluía a Lusitânia."

²¹ URBANISMO, PAISAGISMO E ARQUITECTURA, ESTÂNCIA TERMAL DA CURIA, Revista "Patrimónios", n.º 2, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), Pós Graduação em "Património e História Local",Cap.2-A dinâmica do espaço social, Os espaços termais,pág.3, "Em Portugal começaram a destacar-se as termas do Vidago, estância balnear da corte entre 1875 e 1878 e cujo Hotel Palace foi inaugurado pelo rei D. Luís. Da mesma forma a estação de Pedras Salgadas assumiu especial relevo a partir 1880, tendo inclusive aí veraneado os últimos reis da monarquia portuguesa, muito particularmente D. Carlos."

Luis Acciaiuoli, engenheiro civil e de minas, em 1952 considerou seis fases referente à existência do termalismo português. Afirmando que até ao século XII, estaríamos perante períodos pré-romano, lusitano-romano, pós-romano/luso germânico e árabe, enumerando assim as primeiras quatro fases. A quinta fase traduziu-se na fundação do Reino, em 1140 até 1891, sendo a sexta fase classificada como o período da pós-legislação de 1892 até à data.²²

Conforme já havia descrito, é no século XIX que o termalismo tem maior crescimento e desenvolvimento na Europa, e sobre tudo em Portugal são desenvolvidas disciplinas médicas como a hidrologia e a terapêutica hidrológica e climática. As investigações levadas à conclusão destas disciplinas são justificadas por um maior interesse e controlo médico que até então se limitavam a prescrever os banhos.

Se a classe médica passou a controlar os tratamentos efetuados nas estâncias termais, o Estado controlava as águas redefinindo legislações específicas para a atividade.

Claudino Ferreira, sociólogo, identifica três períodos na história do termalismo português de 1892 a 1992, entre 1892 a 1930 decorre um desenvolvimento da atividade termal e o seu incremento turístico. Entre 1930 a 1970, a medicina põe em causa a ligação entre a terapia e o lazer termal e incute novos tratamentos, originando o declínio da terapia termal, assim como do turismo envolvido, sendo as águas termais substituídas pelo sol e pela água das praias. No último período descrito por Claudino Ferreira, entre 1970 e 1992, trata-se de um novo ressurgir das termas, de uma nova procura das suas terapias e de uma nova aliança entre a saúde e o turismo, destinado a um cliente específico.²³

O termalismo transformou-se numa atividade que oscilou entre a medicina e o turismo, tornou-se numa atividade de carácter económico.

O desenvolvimento em Portugal do termalismo realizou-se com o alcance das tendências oriundas de França, país que no século XVIII, XIX e até século XX ditava a moda por toda a Europa. Por tais influências associavam-se as Termas das Caldas da Rainha a Greoux, as Termas do Luso a Evian, as Termas do Gerês a Carlsbad, as Termas de Vidago a Vichy e as Termas dos Cucos a Royat.²⁴

²² Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.250, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004 “Luís de Acciaiuoli (1952, p. 7), engenheiro geólogo, identificou seis fases na história do termalismo português.”

²³ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.251, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “Claudino Ferreira analisa os processos sociais inerentes ao ciclo de vida do termalismo português, entre 1892 e 1992, identificando três períodos na sua história: 1892-1930; 1930-1970; 1970 até o presente.”

²⁴ Bastos, Cristiana, Das termas aos “Spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica, pág.3, Seminário Das Termas aos Spas, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 28 Julho 2006, “Chegou a

3.3. Práticas dos estabelecimentos Termais

.Práticas Termais e conceitos gerais

Para o bom desenvolvimento de qualquer estabelecimento termal é essencial que haja um equilíbrio entre todos os sectores que o fazem funcionar, sectores esses que identificamos facilmente como: sector administrativo e gestor, direção técnica, direção e corpo clínico, serviços técnicos, serviços responsáveis pela higiene, equipas de manutenção, construtores, empreiteiros, etc.

Considera-se atividade Termal um conjunto de métodos que advêm de o uso de um agente terapêutico, a água mineral; aplicada a um paciente durante a sua estadia numa estância termal. Ocorrem estas atividades em estabelecimentos balneares denominados por caldas, termas, estâncias hidrominerais ou termais; sendo referências deliberadas por legislações internacionais.²⁶

O termalismo é caracterizado como a primeira ciência que aborda o emprego e a exploração das águas minerais, desenvolvendo-se entre a medicina e o turismo. As pessoas que recorrem às práticas termais intitulam-se de Aquistas, pois fazem uso de águas medicinais no local onde elas se encontram. Nomeiam-se de águas minerais ou medicinais as que revelam características diferentes das freáticas da mesma região, tais como: temperatura, qualidade dos elementos, maior riqueza de dados, entre outras. Originárias de fontes naturais ou de fontes captadas artificialmente, às águas termais é -lhes conferido ações medicamentosas.²⁷

A ciência que estuda a água em todos os contextos gerais, desde a sua proveniência, às suas características e às suas manifestações, denomina-se de Hidrologia. Já o emprego das águas potáveis para tratamento termal classifica-se de Hidroterapia.

²⁶ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.241, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “... Termalismo ou hidroclimatismo diz respeito ao conjunto de tratamento hidriático, climático, pelóidico, pepsâmico, cinésico, psicológico e higienodietético. E todos eles, sempre que possível, empregados simultaneamente, constituindo: um programa com diversas modalidades de cura e admitindo-se, em determinados casos, a complementação com fisioterapia e farmacoterapia. (Mourão, 1992, p.13) ”

²⁷ Quintela, Maria Manuel, “A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil”, pág.243, vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004, “Uma água mineral é um medicamento composto, muito complexo, onde se encontram "sistemas dispersos" os mais variados: iões, moléculas, coloides resolúveis, micelas, sols, e gels, precipitados amorfos e cristalizados em suspensão – os eletrólitos (Forjaz, 1929, p.16) ”

Já foi referido anteriormente que as águas minerais naturais distinguem-se das normais pelas suas características, quanto à sua classificação existem atributos como pH, CO₂, sílica ou sulfuração, entre outros, com temperaturas mais altas que a temperatura média do ar. São consideradas águas termais, em todo o território Europeu, águas cuja temperatura seja superior a 20 graus centígrados. Em Portugal verificam-se temperaturas médias do ar diferentes em relação ao espaço geográfico do país, o que não se integra na totalidade na designação europeia. Ao norte e ao centro registam-se temperaturas diferentes em relação ao sul. O Instituto de hidrologia de Lisboa classifica de águas termais, as que apresentam temperaturas entre os 35 e os 40 graus centígrados, denominando as que se emergem a temperaturas inferiores a 25 graus centígrados de Hipotermais.

Entre os 25 e os 35 graus centígrados denominam-se de Mesotermais e as que se emergem a temperaturas superiores a 40 graus centígrados definem-se de Hipertermais.²⁸

As técnicas termais resumem-se à utilização de recursos através da prática da água mineral para benefícios e tratamentos pela ação terapêutica de um aquista. Podemos dividir em duas secções: tratamentos de administração interna e externa. Por administração interna, resulta da dependência das características físico-químicas das águas, e podem ser ingeridas, injetadas ou administradas por via colo-rectal. Por administração externa beneficiam-se também das propriedades hidromecânicas e hidrotérmicas, atuando através de banhos, vapores, técnicas respiratórias, entre outras.²⁹

²⁸ Associação da Termas de Portugal, Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais, Abril 2009, pág.7 “ Por essa razão adopta-se aqui a classificação do Instituto de Hidrologia de Lisboa (Herculano de Carvalho et al. 1961) para as águas minerais naturais:

- **Hipotermais** (se emergem a temperaturas inferiores a 25 °C);
- **Mesotermais** (se emergem a temperaturas superiores a 25 °C e iguais ou inferiores a 35 °C);
- **Termais** (se emergem a temperaturas superiores a 35 °C e iguais ou inferiores a 40 °C); “

²⁹ Associação da Termas de Portugal, Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais, Abril 2009, pág.13 “É comum dividir as técnicas termais em:

- **Técnicas de administração interna**, em que se utilizam especificamente os efeitos dependentes da composição físico-química das águas minerais naturais. Aqui se poderão incluir:

- i. A ingestão oral de água ou hidropinias;
- ii. A injeção de água mineral natural;
- iii. A administração de água por via colo-rectal.

- **Técnicas de administração externa**, em que, para além das propriedades físico-químicas específicas de cada água mineral natural, se aproveitam também fatores hidromecânicos e hidrotérmicos comuns a toda a hidroterapia. Aqui se poderão incluir: banhos, duches, vapores, aplicações de contraste, duche massagem, pelóides, técnicas respiratórias, etc.”

.Instalações e Requisitos

Para uma correta utilização dos serviços de um estabelecimento termal é essencial um estudo e análise sobre a atividade assim como o cumprimento exato de alguns parâmetros em relação às instalações destes estabelecimentos, nomeadamente na execução de tipologias nas plantas dos edifícios em questão.

.Serviços Médicos

Os serviços médicos prestados ao aquista deverão ser disponibilizados em compartimentos próprios, consoante a atividade praticada. Como em consultórios, salas de espera, gabinete de primeiros socorros e salas de tratamentos. Todos os compartimentos deverão estar devidamente equipados.

.Galeria termal

Na galeria termal praticam-se os tratamentos com águas minerais naturais e seus provenientes. Será provida de equipamentos e materiais que facultem a atividade exercida, tais como: pavimentos impermeáveis e antiderrapantes com sistema de escoamento, sistemas eletrónicos como campainhas, para permitir a comunicação entre os aquistas e os funcionários do estabelecimento termal e sistemas de ventilação. A galeria deverá possuir alguns dos seguintes compartimentos: sala de Duche Vichy³⁰ e Escocês³¹, sala de duche de Agulheta e duche de Aspersão, sala para banhos de emersão e hidromassagem, sala para fisioterapia e eletroterapia³², sala de aerossóis e nebulizações³³, sala de piscinas terapêuticas, gabinetes de tratamentos, sala de massagem, sala de repouso, sala ORL³⁴, sala de tratamento Bertholet³⁵ e um emanatório³⁶.

³⁰ Nota: O Duche de Vichy tem por base num duche natural com a semelhança da “chuva”, cobrindo o corpo todo, paralelamente vão se efetuando massagens.

³¹ Nota: O Duche Escocês é um duche de jato de água quente conciliado com água fria.

³² Nota: A *Eletroterapia* constitui o uso de correntes elétricas na terapêutica.

³³ Nota: Nebulizações é uma técnica utilizada para tratamentos das vias respiratórias.

³⁴ Nota: Sala das vias respiratórias, considerada como Sala de ORL (Otorrinolaringologia).

³⁵ Nota: Bertholet é uma técnica de Banho de vapor á coluna.

³⁶ Nota: Emanatório é uma Instalação onde há emanação de substâncias próprias para tratamento de doenças respiratórias.

.SPA Termal

O Spa Termal explora os benefícios terapêuticos das águas minerais naturais, pretendendo proporcionar sensações de relaxamento e bem-estar. É um local com estruturas específicas para tratamentos de saúde, de beleza e bem-estar. Serão necessários dependências próprias para a execução dos tratamentos no Spa como: ginásio fitness/wellness, sala de relaxamento, sala de beleza, salas para tratamentos termais, sauna, banho turco, jacuzzi e piscina aquecida com jatos de água quente.

.Serviços Administrativos

Nos estabelecimentos comerciais deste tipo é imprescindível a existência dos serviços administrativos, com a função de controlar todos os sectores intervenientes no funcionamento do estabelecimento. Os requisitos gerais para um sistema de qualidade, a gestão, a organização e o controle são objetivos exercidos na área correspondente aos serviços administrativos. Fazem parte desta área divisões como: gabinete da direção, gabinetes de apoio à administração, sala de reuniões, sala dos recursos humanos, escritório e tesouraria.

.Área de lazer

A área de lazer apresenta um caráter de apoio ao estabelecimento termal, proporcionando o bem-estar dos aquistas. A alimentação, o convívio e o desporto serão facultados por zonas de restaurante/cafeteria, esplanada, lounge, jardim, campos de ténis, entre outros...

.Acessos e áreas comuns

Para qualquer uma das temáticas anteriores serão necessárias áreas de serviço e de acesso como a receção, o hall de entrada, bengaleiros, instalações sanitárias, corredores, elevadores, vestiários, etc.

Os acessos, assim como todas as divisões do estabelecimento comercial devem cumprir as leis de acessibilidade assim como as regras de proteção contra incêndios, estando todas os compartimentos devidamente equipados.

4. Arquitetura Termal Portuguesa

4.1. Benefícios da sua recuperação

A recuperação dos edifícios termais com potencial interesse, desencadeiam regenerações urbanas, qualificam espaços e sociedades, atualizam o local. Proporcionam ocasiões económicas, contribuindo para a melhoria da vida da população local, surgindo novas afluências, novos aglomerados. Origina um modelo de desenvolvimento de turismo, desencadeia-se assim um aumento da atratividade.

Á arquitetura deve-se a aparência dos edifícios, a beleza e a função. Controla e organiza o espaço, gerando sensações e emoções, desenvolvendo-se uma vida social dentro dela. A renovação da arquitetura visa melhorar as infraestruturas existentes, adotando novas soluções construtivas. A sua qualidade permite o sucesso da atividade termal, controlando aspetos como o conforto estético, acústico, térmico e a segurança dos termalistas.

É importante preservar e não esquecer épocas e sociedades marcadas em janelas, portas ou paredes; preservar traços únicos que originaram o desenvolvimento dos dias de hoje.

As exigências dos tempos modernos recaem sobre os aperfeiçoamentos de diversas atividades. A atividade termal não é exceção, sendo necessário acompanhar os progressos da medicina e do bem-estar humano. A arquitetura adquire o nível de ferramenta que permite auxiliar o alcançar desses progressos; edifícios funcionais e adequados tecnologicamente representam parte do sucesso da atividade termal. De forma a combater o envelhecimento e a desatualização do edificado termal em Portugal, surge agora a tendência de renovar a imagem degradada e reestrutura-la de forma a fazer frente às exigências de hoje e á concorrência direta.

As características naturais, culturais, a segurança e a amenidade de Portugal tornam o «produto» termal aliciante para os investidores, sendo que a classe que mais recorre a estes serviços é a classe média ou alta e a procura pelo sector termal encontra-se em significativo aumento. A este sector é possível a ligação direta a outras práticas de negócios complementares, o que o torna ainda mais atrativo. O leque de opções de serviços permitirá diminuir a sazonalidade do complexo termal, apresentando soluções viáveis económicas. A vertente da saúde no termalismo consagrou-se ao longo dos anos, expondo resultados satisfatórios. O turismo aliado á saúde veio providenciar e garantir clientes, resultando num forte atrativo. O bem-estar e o lazer desenvolvem o culto do corpo transformando a prática terapêutica, o termalismo, numa prática económica. O turismo revela o cliente que usufrui de atividades lúdicas, que pretende conhecer e usufruir dos serviços da região, que disponibiliza poder económico.

4.2.As estratégias e os objetivos da reabilitação

A valorização de uma estância termal recai quase e exclusivamente no interesse e no valor arquitetónico do edificado, sendo que este deve estabelecer os seguintes critérios:

1.A adaptação á evolução das necessidades atuais de edifício termal

Reflete-se na modernização das soluções arquitetónicas dotando o estabelecimento termal de uma arquitetura adequada á nova realidade da atividade, assegurando o bom desempenho desta. A intervenção deve facilitar a incorporação de novas infraestruturas e a apropriação dos espaços.

2.A adequação ao contexto do local envolvente

A topografia, as condições climatéricas, a cultura, características sociais e arquitetónicas devem ser relevantemente consideradas na execução do projeto, assim como na reabilitação do mesmo. O respeito pelo património existente deve ser claro e objetivo, valorizando o ambiente natural existente.

3. Manter a identidade

O edificado deverá manter a sua identidade, preservando o seu significado e contexto. Conservar a sua estética arquitetónica é importante de forma a defender a autenticidade da sua história e cultura, opondo-se a intervenções que a anulem.

4. Sustentabilidade

A aplicação de soluções construtivas que diminuam o excessivo consumo energético, tido por estes edifícios, influencia positivamente a vida do edifício tornando-o mais durável e funcional, proporcionando maior satisfação aos utilizadores e rentabilidades económicas. Os materiais adquirem um papel fundamental predominando nas soluções construtivas, valorizando os materiais originais.

5. Funcionalidade

Dar prioridade às funções de cada compartimento, estimando a prestação de serviços, de forma a manter o bom desempenho do edifício e de toda a atividade exercida nele. A estética é relevante, mas a função é a primazia do projeto, resultando o sucesso ou o insucesso dela.

6. Arquitetura atrativa

Promove a imagem do estabelecimento termal, constrói espaços, estabelece relações sociais; assume um papel de destaque na primeira impressão, na primeira imagem de um edifício termal.

Requalificar uma estância termal parte também da requalificação urbanística, o espaço público envolvente é de extrema importância, denotando-se uma revitalização da localidade e da sua sociedade, permitindo a criação de um ambiente atrativo para o termalista.

7. Estratégias de intervenção construtiva

Aplicar as necessidades e exigências dos dias de hoje a um edifício termal de outra época constitui uma tarefa que visa otimizar as vantagens da reabilitação dos edifícios. Definir estratégias de intervenção construtiva pressupõem um estudo, o reconhecimento do estado atual do edificado, o diagnóstico, a deliberação e a execução da intervenção. O estudo prévio passa pela análise da regulamentação aplicável e pela recolha dos documentos arquitetónicos e burocráticos relevantes ao projeto. O reconhecimento da situação atual consiste numa visita ao local de forma a verificar características e anomalias predominantes. As estratégias de intervenção construtiva permitem consolidar os proveitos da recuperação, podendo enumerar as seguintes:

8. Adaptar características de segurança e conforto

Para melhorar o desempenho dos espaços, equipamentos e instalações deverá se considerar a otimização da funcionalidade do edifício, dotado de infraestruturas de segurança e conforto. A segurança exige garantias a nível construtivo e estrutural assim como a presença de dispositivos impostos legalmente como planos de segurança contra incêndio, extintores, hidrantes exteriores, sistemas de alarme, entre outros.

O conforto acústico, térmico e salubridade, proporciona o bem-estar dos utilizadores, assegurando a sua qualidade ambiental. A aplicação de isolamentos térmicos e acústicos soluciona em parte a questão. A ventilação regula a qualidade do ar no interior do edifício, privilegiando-se a ventilação natural colmatada com caixilharias propositadas, recorrendo à ventilação artificial como complemento da natural.

9. Adaptar novas soluções estruturais e construtivas às características do local

A perspetiva atual deverá se aliar aos aspetos tradicionais que caracterizam o local, não descaracterizando o existente, mas sim privilegiando-o. Verifica-se na maior parte dos casos de recuperação uma ampliação ou uma remodelação arquitetónica, devendo-se no entanto respeitar essa integração. A influência das decisões arquitetónicas pesa sobre o comportamento do edifício ao longo do seu tempo de vida.

10. Salvaguardar o património arquitetónico

Fundamentar a intervenção no existente permite uma melhor execução e exatidão de solucionar as anomalias. Honrar os materiais e as tecnologias construtivas originais permitirá a preservação do património. Manter elementos de construções antigas e adaptá-los às necessidades, em vez de os substituir contribuí para a preservação do existente e da sua identidade.

11. Intervenções de carácter reversível

Devem ser evitadas construções ou modificações profundas de forma a serem retiradas ou alteradas a qualquer altura, obras de carácter reversíveis.

“Deve promover-se a máxima utilização possível dos diversos elementos e partes das construções antigas, antes de se prever a sua substituição por materiais e soluções técnicas mais modernas.”³⁷

³⁷ Critérios gerais para a reabilitação de edifícios habitacionais, 10 de Outubro de 2008

Endereço - http://www.estt.ipt.pt/download/disciplina/1162__Crit%C3%A9riosGeraisReab.pdf.

12. Eficiência energética do edifício

A utilização de recursos naturais de forma a diminuir a utilização energética deverá ser tido em conta na intervenção, afetando temas como a ventilação, o aquecimento, a climatização de espaços e a iluminação. Os envidraçados são responsáveis pelos ganhos e perdas térmicas durante as diversas estações do ano, sendo controlados pela definição da orientação das fachadas, a orientação mais correta será a sul. As cores aplicadas nas fachadas terão alguma importância quando falamos da reabsorção das temperaturas provenientes do sol, sendo que as cores escuras absorvem mais que as claras. A proteção contra o sol e contra o vento é feita através de elementos como varandas, estores, persianas e vegetação; eliminando a radiação solar provocando sombreamento exterior.

Quanto à iluminação, e com a intenção de diminuição da fatura da iluminação artificial, o edifício deve estar dotado arquitetonicamente de elementos que potenciem a iluminação natural, como janelas e aberturas. A escolha dos envidraçados revela-se bastante relevante neste ponto, sendo que os envidraçados de alta transmissão de calor e de baixa transmissão de luminosidade contribuem para uma boa iluminação zenital. Isolamentos térmicos em boas caixilharias permitem com um baixo índice de condutibilidade térmica corrigir as pontes térmicas, controlando as perdas e ganhos de calor.

Os sistemas de energia alternativa aplicáveis seriam a energia geotérmica, aproveitando da mesma água que surge para os tratamentos termais a utilização para aquecer a água de todo o estabelecimento termal. A utilização de painéis fotovoltaicos ou coletores térmicos ou ainda energia eólica. A aplicação de sensores nos sistemas de ventilação e iluminação, assim como o uso de lâmpadas de baixo consumo com a adequada localização, contribuem para o bom desempenho energético do edifício.

A captação e reutilização da água da chuva para irrigação de jardins, instalações sanitárias ou lavagem de equipamentos, ou ainda a gestão de controlo de consumo com sensores, serão medidas de gestão e controlo do consumo da água que diminuem os gastos.

Exigências económicas

Deve ser feita uma previsão dos custos num edifício a reabilitar, no entanto é de extrema dificuldade fazê-lo, visto surgirem novas circunstâncias diárias.

4.3. Conceitos relevantes

.Restauro

Recorrem-se a ações especializadas, de modo a recuperar uma imagem, algo danificado pelo tempo ou por outros; reincidindo numa operação de conservação do património.

.Conservação do património arquitetónico

Destina-se a prolongar o tempo de vida de um objeto ou de um edifício desencadeando medidas para o salvar e proteger da degradação. A manutenção será perene. Serão elaborados diagnósticos patológicos e laboratoriais, diversos temas serão abordados e criteriosamente estudados para um bom resultado de conservação.

.Reabilitação

Reabilitar um edifício, será torna-lo apto para o completo e atualizado reuso do mesmo. Recuperar o edifício e resolver todas as deficiências ou anomalias produzidas ao longo do tempo, modernizando-o.

.Reabilitação Urbana

Desenvolve-se estratégias que visam requalificar a cidade, intervenções que qualificam e atualizam o existente impulsionando e criando oportunidades socioeconómicas, melhorando a qualidade de vida dos habitantes.

.Revitalização

Procura melhorar a competência das estruturas sociais, económicas e culturais de apoio á reabilitação.

.Restruturação

Passa pela demolição de elementos degradados, melhoramento de uma determinada área e de todo o seu sistema, quer organizacional quer de equipamentos.

.Manutenção

Controlo do ritmo de deterioração, medidas programadas que visam impedir a evolução da degradação.

5. Casos de Estudo

5.1. Termas Nacionais

5.1.1. Termas do Estoril



Termas do Estoril 3

Pertencente ao concelho de Cascais, distrito de Lisboa, freguesia de Stº António do Estoril, as Termas do Estoril redirecionava-se para tratamentos para o reumatismo, doenças do foro respiratório, doenças gastrointestinais, doenças nervosas e doenças de pele.

“Em 1944 Herculano de Carvalho procedeu a uma nova análise destas águas, concluído: *“Estoril é a mais mineralizada das águas cloretadas do País, e tem individualidade própria. A sua forte radioatividade é comparável à das águas dos Cucos, mas um pouco mais alta ainda”*.”³⁸

³⁸ “Das termas aos spas: reconfigurações de uma prática terapêutica”, Termas do Estoril, 2002;
Endereço: http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_estoril.html

. Resumo Histórico

*“Os primeiros banhos ali existentes remontam ao séc.XVIII, segundo Lopes (1892): «Este balneário existe desde o tempo de el-rei D. José que o frequentou, mas foi restaurado em 1880 pelo atual proprietário Sr. José Viana da Silva Carvalho. Contém 15 tinas em mármore para banhos de imersão, em quartos separados, circundando um pequeno jardim coberto que serve de sala de espera».”*³⁹



Termas do Estoril,
1880 4

Termas do Estoril,
1894 5

Termas do Estoril,
1918 6

Wellness Center,
2010 7

As termas do Estoril conhecidas pela sua localização remontam ao século XVIII e numa fase inicial apresentava características provenientes da arquitetura de jardim pertencente ao século XIX. O balneário resumia-se a um pavilhão de um piso, com doze banhos divididos por lajes com pequenos compartimentos de madeira. E um último banho com condições superiores para aquistas de elite.

Numa segunda fase, em finais do século XIX, após se verificar construções debilitadas no balneário, acrescentou-se outro pavilhão de estilo revivalista com características árabes. Faziam parte deste pavilhão, uma sala de atmosfera húmida, dezoito gabinetes com banheiras em mármore, uma sala de duches de agulheta para senhoras e outra para homens, uma sala para duches de imersão e outra sala de inaladores e outros processos. Ao centro do pavilhão sobressaía uma sala de grandes dimensões de características orientais e luxuosas, com uma piscina circular ao centro com água do mar.

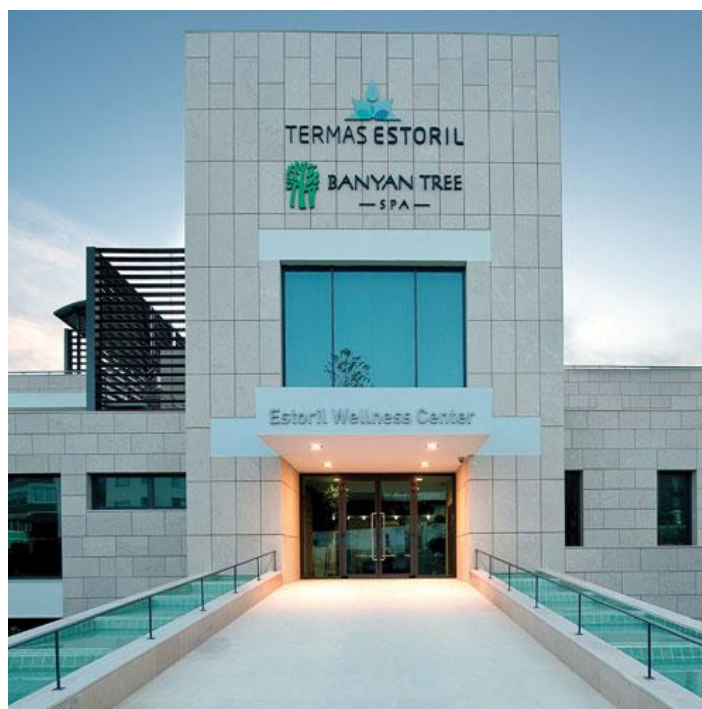
Em 1920 é edificado o Casino do Hotel Palace, promovendo o turismo balnear marítimo e termal. Através de um estudo de urbanização, elaborado pelo arquiteto Martinet, estruturaram-se os campos de golfe, os hotéis e as termas. O edifício termal, anexado ao hotel Palace, é construído no início dos anos 30 pelo arquiteto António Rodrigues. Com uma fachada neoclássica. Em 1961 verifica-se a demolição do edifício termal.

A sociedade concessionária das águas do Estoril na década de oitenta pretende novamente reativar as termas e executa estudos e recolhe amostras, mas só em 2005 é anunciado a construção de um novo estabelecimento termal, aliando o turismo saúde ao bem-estar e lazer.

³⁹ Restos de coleção, Hotel do Parque no Estoril, 3 de Fevereiro de 2012

Endereço: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/02/hotel-do-parque-no-estoril.html>

.Conceito e caracterização



Fachada do Estoril Wellness Center 8

Localizada sobre o vale do Estoril, entre a avenida de Portugal e a rua do Hotel Palace, as Termas do Estoril, anexadas ao Hotel Palácio destinam-se a exercer funções de Spa e Balneário termal. Orientando-se entre uma vertente spa de beleza e bem-estar e por uma vertente termal, com terapias e tratamentos de doenças musculo-ecléticas, dermatológicas e de foro respiratório.

Revivendo a tradição termal imposta pela história e pela cultura do local, a preservação da atividade no excelente enquadramento paisagístico com infraestruturas catalisadoras da atratividade turística desenvolve economicamente toda a zona costeira do Estoril, oferecendo qualidade e bem-estar.

As termas assim como o spa são dotados de equipamentos e infraestruturas modernas dando resposta às exigências da atividade. Foram realizados 3 novos furos para solucionar de forma mais eficiente as necessidades do termalismo, possibilitando uma qualidade de excelência nos tratamentos que englobam as propriedades das águas.

O projeto e construção de um novo edifício, uma vez que o antigo fora demolido, potenciou a modernização de técnicas, materiais e flexibilidade de estruturação do projeto.

.Estratégias e objetivos

Com o intuito de ser enriquecedor e prestigiante, este projeto destina-se a dinamizar desenvolvimentos e atividades que aliadas às condições envolventes da costa do Estoril potenciam o progresso e o crescimento de toda a zona, apresentando-se como complemento à oferta turística da região. Potenciando o turismo nacional e internacional.

Conservando a tradição e a preservação da história e cultura termal do local, difunde-se dinâmicas em prol do desenvolvimento económico e social.

A sua localização privilegiada, situando-se numa das vias mais movimentadas do Estoril, junto ao Hotel Palácio, ao Centro de Congressos e ao Casino, torna-se atrativa, autopromovendo-se. Sendo o único complexo termal em funcionamento na cidade de Lisboa, resulta numa solução de proximidade e de fácil acessibilidade para toda a grande cidade.

A adaptação à procura termal e aos recursos endógenos da região resulta na integração de um projeto que oferece resposta às exigências termais atuais, quer burocráticas, arquitetónicas, socioculturais e funcionais. A qualidade destas exigências promove o estabelecimento. As termas vão fomentar as características terapêuticas da água mineral do Estoril apelando às mais diversas e especializadas técnicas de hidrologia médica.

O Spa inspirado nas tradições asiáticas, com um estilo luxuoso e marcadamente oriental proporciona tratamentos exclusivos

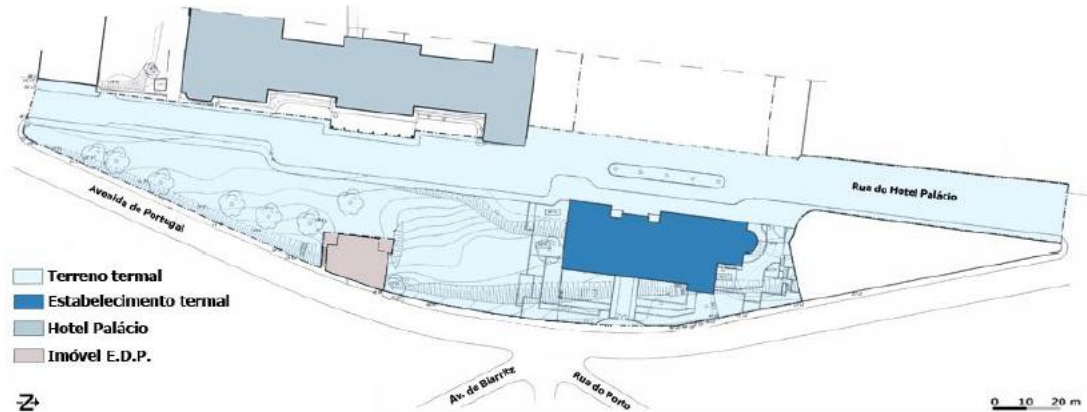


Spa, duche Vichy 9



Spa, piscina 10

.Levantamento e análise



Perímetro do terreno termal 11

Solicitado pelas termas do Estoril S.A., ao encargo de Gil Graça Arquitetos, com uma área de 4.155m², o edifício elaborado em betão armado é composto por quatro pisos, mais a cave; avaliado num valor aproximado de 8.898.938,00 euros.

Depois de quase meio século encerrado, as termas foram reabertas ao público a 12 de Abril de 2010.

O edifício é composto por três volumes diferenciados, interligados; a volumetria do edifício organizou o seu interior articulando-o. A distinção entre funções do edifício é executada pelas duas entradas principais, a cotas distintas. A uma cota mais elevada, no piso 2, encontra-se o Hall do balneário termal, e á cota do piso 0 verifica-se a entrada para o Clube de Saúde e Beleza. As circulações que permitem o acesso a todos os pisos são verticais, feitas através de ascensores ou escadas. Tanto as circulações horizontais como as verticais estão preparadas para uma boa mobilidade e acessibilidade para todos os indivíduos com ou sem incapacidades motoras.

Quanto ao interior do edifício e às suas funções/atividades distribuíram-se da seguinte forma:

.Balneário Termal

Piso 0 - Verifica-se a unidade de tratamento da água assim como as áreas técnicas de aquecimentos, esgotos, eletricidade e ar condicionado.

Piso 2 - Ostenta o hall de entrada com respetiva receção, o gabinete da direção assim como as instalações administrativas, as instalações de pessoal, o bengaleiro, vestiários e sanitários e toda a área de consulta médica como gabinetes médicos, buvette, ginásios, piscina terapêutica e gabinete de primeiros socorros.

Piso 3 - Encontram-se as unidades de tratamento com gabinetes, sala ORL para adultos e outra para crianças, sala de massagem, emanatório, duche escocês, banheiras, lamas, Vichy e salas de repouso.

.Clube de Saúde e Beleza

Piso 0 - Por uma das entradas principais encontramos o hall de entrada e sua receção, a área comercial com coffe-shop e cabeleireiro, as saunas, o banho turco, as salas de inalação, os banhos de vapor e as piscinas termais. Assim como respetivas áreas de serviço, vestiários e sanitários. O equipamento técnico, as instalações de pessoal também fazem parte do piso 0, assim como o hall de chegada do túnel proveniente do hotel.

Piso 1- Neste piso podemos encontrar o ginásio fitness, gabinetes de tratamento com lamas, massagens, duchas Vichy, etc...

Piso 2- Ginásio

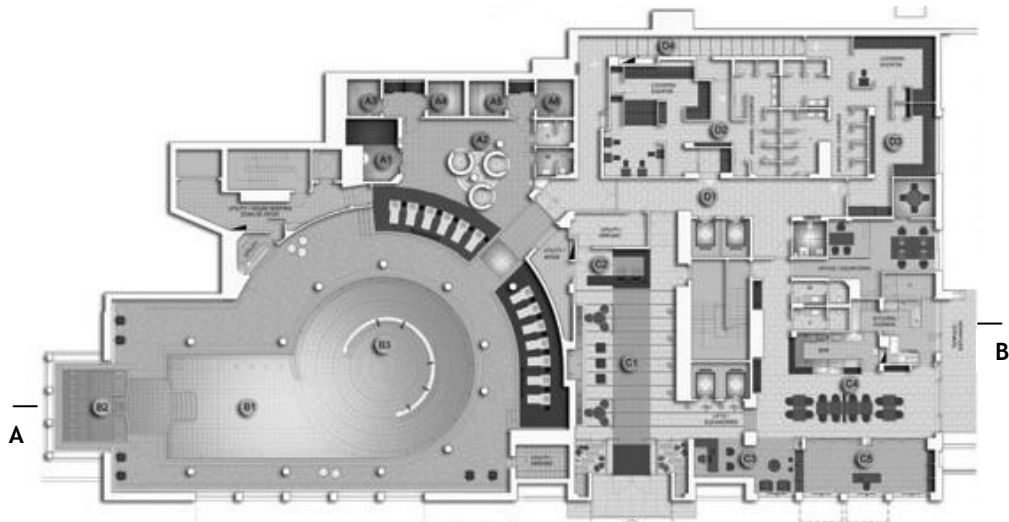
.Elementos Construtivos

Os elementos construtivos do edifício centram-se numa estrutura de betão armado sobre elementos como pilares, vigas, lajes, muros de suporte e sapatas de fundação. As paredes exteriores em alvenaria de tijolo furado são duplas com caixa-de-ar plenificada com isolamento térmico. Betonilhas de cimento endurecido, ladrilhos cerâmicos, madeira e distintos tipos de pedra revestem os pavimentos e degraus interiores. Os ornamentos interiores de acordo com cada função espacial são revestidos com ladrilhos cerâmicos, pedra polida, estuques, azulejos decorativos e tintas duras. Os tetos falsos são em gesso cartonado hidrófugo. O revestimento exterior é marcado pela presença da pedra em quase todas as áreas, rematada por áreas rebocadas e pintadas com tinta plástica. As caixilharias são em alumínio termo lacado com incisão térmica.

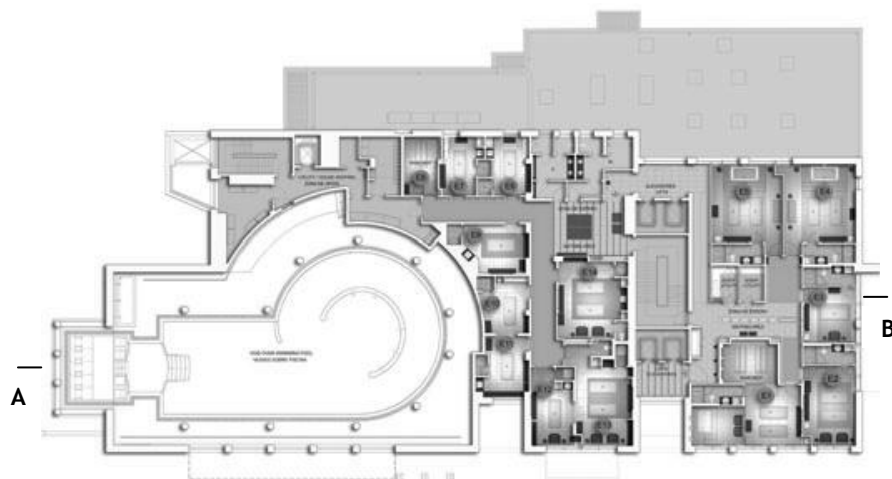
A parede exterior da Cave é em betão armado impermeabilizado, sendo que no refastelamento de terras por drenos é protegido por manta geotêxtil e pedra. Interiormente é forrado a tijolo 0,11. O contacto com o exterior, em todo o edifício, são forrados a alvenaria de tijolo 0,03 de forma a revogar as pontes térmicas. A cobertura também é isolada com telas e isolamento Roofmate, tornando a laje da cobertura impermeabilizante.

Com uma linguagem arquitetónica moderna nas fachadas, a utilização do vidro com a pedra refletem a luminosidade e a contemporaneidade do edifício.

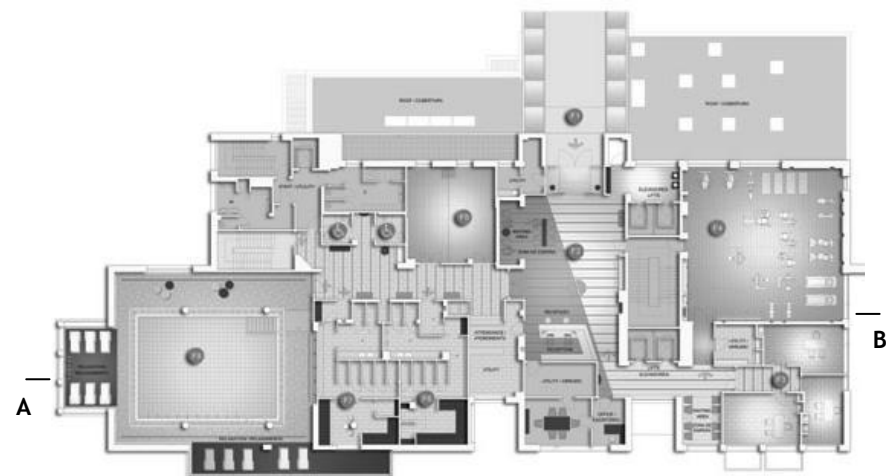
.Peças Desenhadas



Piso 0 12

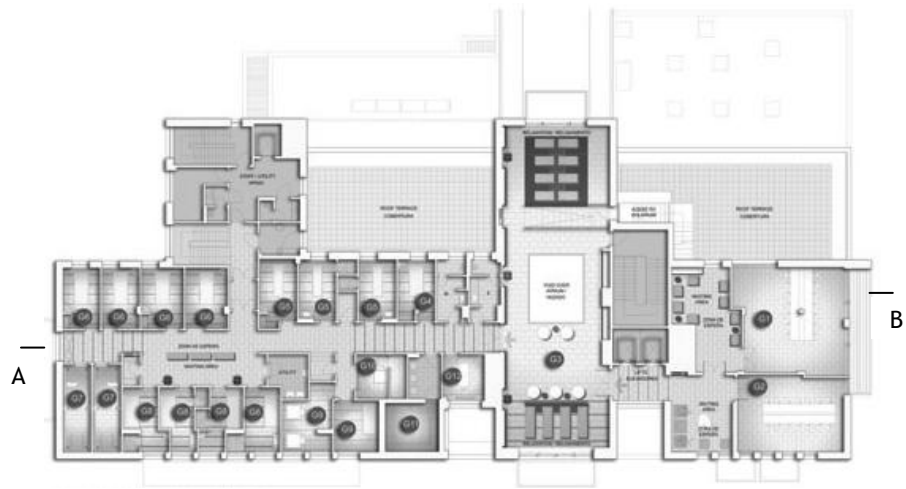


Piso 1 13



Piso 2 14

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras



Piso 3 15



Alçado Poente 16



Corte A-B 17

5.1. Termas Nacionais

5.1.2. Termas das Caldas da Rainha



Hospital Termal das Caldas Rainha 18

Pertencente ao concelho e freguesia de Caldas da Rainha, distrito de Leiria, as Termas das Caldas da Rainha encontram-se inseridas no centro do aglomerado urbano. Para aquistas que revelem carência de tratamentos com indicações reumáticas e músculo-esqueléticas, doenças do foro respiratório inferiores e superiores assim como doenças dermatológicas.

“Mandou (...) a Rainha fundar um rico e sumptuoso templo de maravilhosa estrutura, e obra admirável de soberbos móveis e pórfidos; o teto todo de abóbadas de formosas laçarias assentadas com tanto primor e cuidado (...), a qualidade de pedraria é de tal fortaleza é tão dura que sendo passados mais de 170 anos de sua idade, e o mesmo ferro se gastar com o ar das águas, permanece com a mesma graça sem dever coisa alguma às injúrias de tão largos tempos”.⁴⁰

⁴⁰ de S. Paulo, Jorge, 1656, 1967, t. I, página 173

.Resumo Histórico

Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, Real Hospital, Hospital Real das Caldas e Hospital da Rainha D. Leonor; muitos foram os nomes atribuídos ao Hospital Termal das Caldas da Rainha ao longo dos anos. A sua construção e reconstruções posteriores processam-se e desenrolam-se até aos dias de hoje.

Sobre ruínas romanas fora edificado o balneário em 1485, no reinado de D. João II, pela vontade de sua esposa a Rainha D. Leonor de Lencastre. O surgimento do Hospital deve-se em 1484 a um aborto que resultou em infeções, cuja solução médica seriam os banhos termais na Vila de Óbidos, a sua recuperação ditou a construção do hospital, aliada à vontade que a Rainha D. Leonor tinha em concretizar um projeto social denominado de “Misericórdias”, abrangendo todas as classes sociais.

A escolha do local para a edificação resumiu-se a uma análise por parte do médico pessoal da rainha, Mestre António Lucena, que com três grupos de fontes no espaço de quatro quilómetros, decidiu incumbir a tarefa de se banharem nas fontes a pacientes, que assim passariam a testar as qualidades das águas. Fora escolhido o maior caudal através dos resultados clínicos, o que tornou esta fonte no centro da cidade, desenvolvendo-se o aglomerado urbano em torno desta. Começaram a surgir construções relacionadas com o acolhimento de pacientes, enfermarias, uma igreja, etc... A construção do hospital prolongou-se após a morte do rei D. João II; com uma planta análoga à dos hospitais medievais, característicos da época. O hospital apresentava uma sequência de espaços que se resolviam paralelamente a um eixo longitudinal. Ao fundo destacava-se a Igreja na paisagem do hospital refletindo a influência religiosa da época. A organização na elaboração e funcionamento do hospital é assistida e pronunciada através de um documento escrito pela rainha intitulado de “O Compromisso”, que dita normas e regulamentos pelo qual o hospital teria de se reger.

O conjunto de volumes densos do edificado faziam surgir um edifício central com uma planta cruciforme, com as duas alas da fachada a ladear um eixo na imponente entrada de características manuelinas, como declarava a porta principal do Hospital.

Há esquerda do hospital verificava-se a Botica (a farmácia), ladeada pela cozinha. O centro do edifício hospitalar era preenchido pelas enfermarias, após a porta principal verificava-se uma sala de grandes dimensões para servir refeições aos pacientes, com uma copa com duas portas seguidas à igreja, uma para a enfermaria feminina com capacidade de dezanove camas e outra masculina com capacidade para vinte e uma camas. A norte e a sul da copa encontravam-se duas piscinas com a separação dos sexos, cobertas por abóbadas com claraboias que rasgavam a pedra de forma a deixar penetrar a luz. O piso superior era ocupado por enfermarias e cubículos de purgatório.

No século XVII, iniciou-se a construção da Buvette, registaram-se as primeiras análises químicas. O rei da época, D. João V começa a fazer tratamentos nas instalações o hospital o que origina um levantamento topográfico do local, conferido ao arquiteto João Pedro Ludovice. Este levantamento determina o arranque e o desenvolvimento de diversas obras na cidade, reestruturando parte do edificado urbano, incluindo o hospital e a construção de uma rede de abastecimento de água potável, um aqueduto. O edifício termal fora marcado pela inovação das técnicas e soluções funcionais e construtivas, sendo que a sua transformação concluiu-se com a reforma pombalina em 1775.

No final do século XIX surge uma nova transformação no edifício hospitalar, ao encargo do administrador do Hospital Termal de então, Rodrigo Berquó em 1889, que tinha formação em engenharia e arquitetura. Reformulando essencialmente o rés-do-chão, incutindo ascensores rudimentares para a deslocação de pacientes, eliminando as enfermarias, a farmácia, a cozinha e a copa. Projetaram-se os Pavilhões do Parque para alojar os pacientes e o Palácio Real, o balneário e o hospital foram revigorados e modernizados com novos sistemas de tratamentos.

Em 1926 repetem-se remodelações no hospital e no balneário, desta ao encargo do Capitão Luís Franco. Demolindo o primeiro balneário, adicionou uma central elétrica e reformulou o interior do hospital implementando um novo elevador elétrico. Em 1930 o aspeto exterior do edifício permanecia idêntico ao da época do rei D. João V, com uma área aproximada de dois mil metros quadrados. Nos anos 60, a evolução da medicina desenvolve a rede de hospitais do país com condições modernas e atuais, desvaloriza-se o Hospital D. Leonor. Em 1971 integra-se o hospital no hospital distrital, facultando serviços de apoio geral, beneficiando de uma nova procura.



Pavilhões do Parque, Berquó 19

.Conceito e caracterização



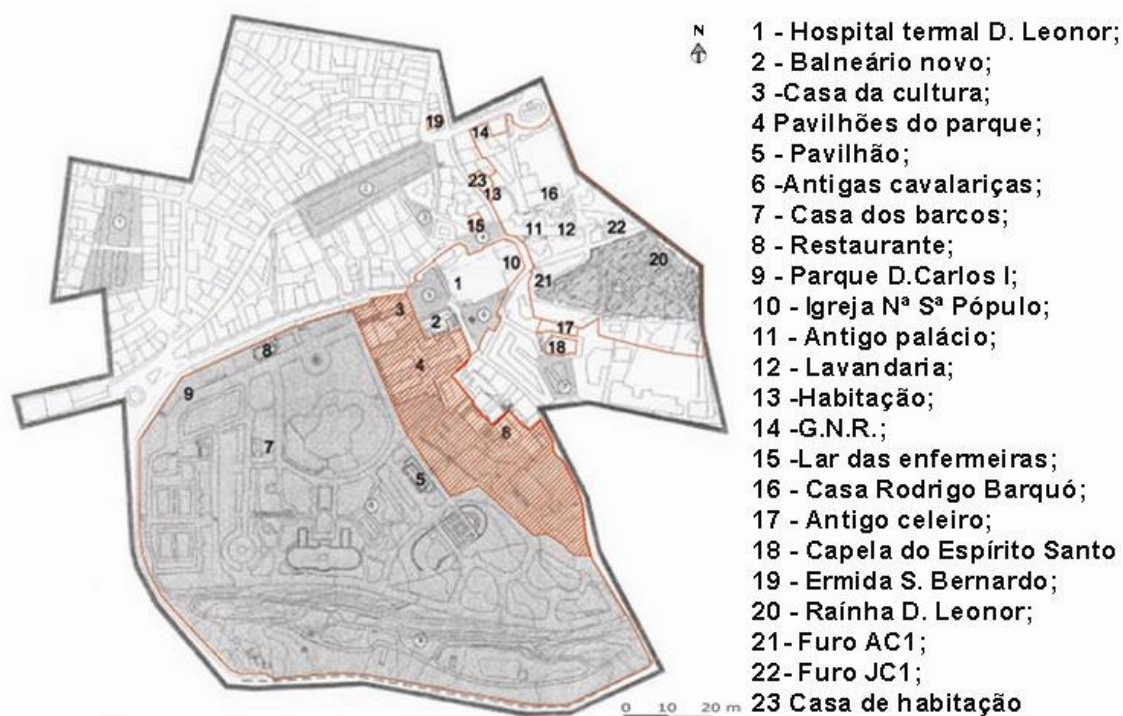
Hospital Termal das C. da Rainha 20

Com localização sobre uma conjuntura geográfica favorável, o balneário do Hospital Termal das Caldas da Rainha, sendo o primeiro hospital termal do mundo a ser construído, privilegia turistas e visitantes com a sua cultura, arte e arqueologia tão próprias. Centralizado na cidade, adquire uma relevância fortíssima na história e cultura, presentes na identidade da cidade das Caldas da Rainha. Com tratamentos de balneoterapia como duches de imersão, duches Vichy, hidromassagem. Com tratamentos de ORL, fisioterapia e medicina de reabilitação, é detentor de uma unidade de saúde hospitalar paralelamente com a unidade termal, ambos de grande significado histórico e arquitetónico.

Com limitações no funcionamento devido às precárias condições atuais o hospital termal oferece poucos tratamentos termais, é de salientar no balneário, as banheiras em pedra com características únicas, cada uma delas feita artesanalmente, introduzidas em 1860, abandonando os tanques.

Revela-se imperioso a requalificação do complexo, modernizando o seu sistema edificado, valorizando a sua potencialidade catalisadora económica no âmbito regional, já predefinida como uma região turístico termal. A sua história e cultura devem ser preservadas mas em função da preservação do edificado adaptado às circunstâncias atuais, integrando harmoniosamente o moderno no antigo.

.Levantamento e análise



Planta geral do C. Termal 21

Como referido anteriormente, a cidade das Caldas da Rainha desenvolveu-se em torno do sucesso do Hospital Termal, evoluindo urbanamente á volta deste edifício atribuindo-lhe um carater relevante. Edificaram-se espaços de forma a complementar o hospital, como é o caso dos Pavilhões do Parque que foram construídos de forma a albergar os pacientes, aliviando o hospital desta tarefa.

O edifício hospitalar, de arquitetura pombalina e neoclássica com características manuelinas é composto por três pisos, sendo o rés-de-chão o mais relevante. Com várias fases de construção acima descritas, pouco se alterou desde a última reforma.

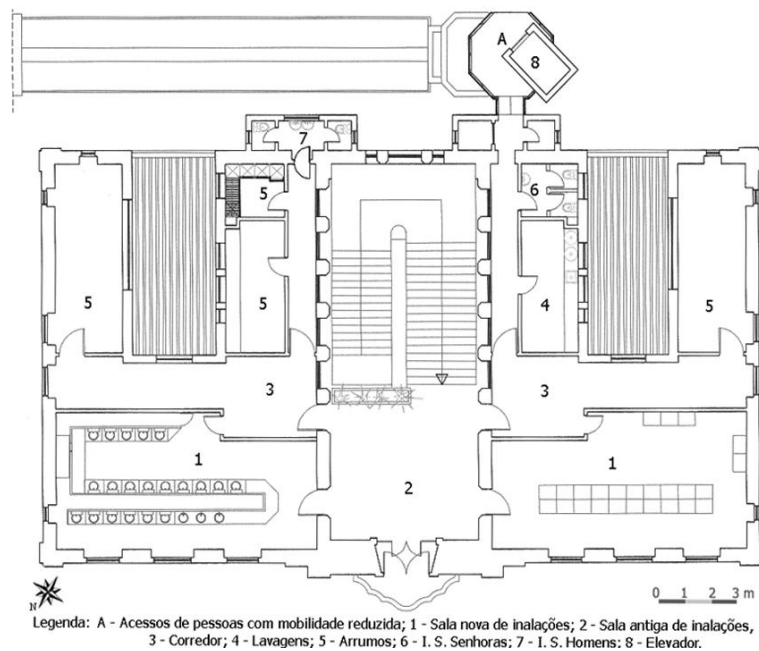
No piso 0, identifica-se um eixo central que se inicia com a entrada principal de encontro com a Buvette. A sala de atendimento e a sala de espera encontram-se junto á entrada, respetivamente no canto esquerdo superior e no canto esquerdo inferior; o restante das divisões tem acesso pelo corredor central, denominado de subaquático. Acima do eixo do corredor central verificam-se divisões com funções de carактер medicinal, sendo que abaixo do eixo observa-mos atividades e funções ligadas mais ao lazer e ao bem-estar.

No piso 1 encontra-se a área administrativa e secretarial bem como alguma área de lazer, o piso 2 está destinado aos quartos particulares e de internamento assim como a gabinetes de terapia.

.Peças desenhadas



Planta do Piso 1 do Hospital T. 22



Planta do Piso 1 do Balneário 23

5.2. Termas Internacionais

5.2.1. Termas de Bath



Edifício Hot Bath 24

Em Inglaterra mais propriamente a 119 quilómetros de Londres encontramos, banhada pelo rio Avon, a cidade de Bath. Com a classificação de “Património da Humanidade” pelo seu edificado arquitetónico, pela UNESCO, a cidade “Spa” apresenta construções ímpares em todo o mundo. Uma combinação notável de “velho” e “novo” onde a herança romana do culto aos banhos, permanece ao longo de séculos.

As águas, conhecidas pelas suas temperaturas a mais de 48 graus centígrados proporcionam atividades de saúde, lazer e descanso a quem as procura.

.Resumo Histórico

A existência das termas de Bath remontam o ano 43 d.c, aquando da invasão dos Romanos às ilhas Britânicas já existia um santuário de águas minerais chamado Sulis. Na posse do imperador romano Cláudio, em 75 d.c., edifica-se uma nova estrutura para o local salientando a nascente sagrada dedicada á deusa Minerva e com funções de reservatório, alimentando as alas de banho. Com o retirar dos romanos da cidade de Bath, o templo é abandonado, sendo que em 1702 a rainha Anne revela interesse sobre as propriedades das águas e dá-se o começo de uma nova reformulação arquitetónica, tanto para o templo termal como para toda a cidade. Praças, edifícios habitacionais, edifícios comerciais eclodiram por toda a cidade.

Fundamentalmente a partir do século XII, as termas são submetidas a diversas alterações nomeadamente pelo arquiteto João de Tours, que na mesma fonte que abastece as termas edifica uma nova estrutura. No século XVI, o governo da cidade dedica-se á construção de mais um edificio termal denominado de Queen´s Bath.

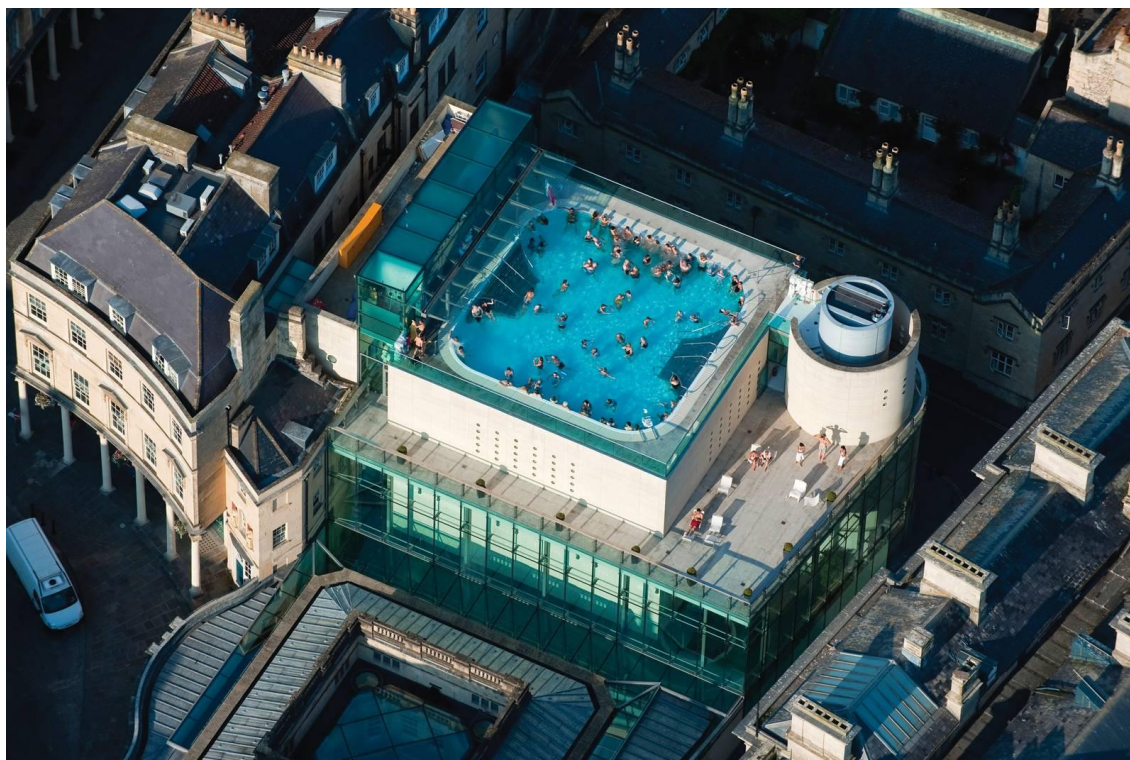
No século XVIII, as termas ficaram ao encargo dos arquitetos John Wood (pai e filho) que tornaram celebre o salão Pump Room, com um restaurante, uma sala de chá e uma fonte; que se encontra em funcionamento até aos dias de hoje.

Em 1810 as termas sofrem uma ampliação por William Smith, trazendo um novo edificio o Bath Hot Spring. Uma entrada para os visitantes é projetada e contruída pelo arquiteto Jonhn Mkean Brydon em 1897. Em 1789, Thomas Baldwin inicia a construção da Geat Pump Room, sendo terminada por John Palmer em 1799.

Muitos seriam os edificios dignos de destaque para além das termas, sendo que toda a arquitetura e construção, á semelhança do caso de estudo do Hospital Termal das Caldas da Rainha, a cidade se desenvolveu em torno da importância do edificio termal. É de destacar construções como a abadia de Bath que é uma catedral gótica onde outrora fora uma igreja de origem normanda, com vitrais coloridos e típicos de tal construção. Projetado em 1754 por John Wood o complexo habitacional The Circus, cujo nome adivinha a sua principal característica arquitetónica, a forma em semicírculo, revelam origens romanas no seu traçado único.

As águas termais são a fonte da evolução não só urbana, como social e cultural da cidade, tornando-se num local de tendência e de disparidade social durante o século XVIII. Com o tempo, as propriedades das águas termais por questões de salubridade, perderam popularidade, levando o governo a lançar medidas como a projeção de um concurso público, para a construção de um novo Spa termal, em 1997.

.Conceito e Caracterização



Cobertura do Thermae Bath Spa 25

Atualmente com ascendências georgianas e vitorianas, a cidade de Bath, tornou-se num modelo de planeamento urbano. Rodeado de património histórico, o novo spa em Bath é edificado no local de uma antiga piscina municipal, que se encontrava ao abandono. O projeto envolvia a construção de um novo Spa e a requalificação de quatro edifícios classificados. Integrou-se o edifício novo na conjuntura do antigo, com a tradição e cultura romana presentes na caracterização dos banhos, tornando-os públicos. Foi criada uma ligação panorâmica entre os elementos exteriores do edifício, uma contemplação da paisagem foi imposta. A inclusão da modernidade num projeto pensado para uma cidade com raízes fortíssimas na história, torna-o único e com um propósito componente. O projeto marca a revitalização da cidade Spa, tratando-se de um aglomerado de estruturas novas e antigas. O Thermae Bath Spa está preparado para oferecer diversos tratamentos termais ou tratamentos de beleza e bem-estar.

.Estratégias e objetivos

Um dos objetivos claros neste projeto foi com certeza a integração de um edifício novo num conjunto de edifícios de características que remontam a outras épocas. Estabelecer um todo através da consagração de um. Sendo a requalificação dos edifícios existentes necessária para a concretização da revitalização do projeto daquelas unidades, fora necessário o entendimento e a análise dos edifícios classificados.

O conceito arquitetónico refletido em materiais, cores e luz fora determinado em função da contribuição para o ambiente exterior do local, permitindo uma suave integração com o envolvente, de forma a cativar positivamente o público-alvo. É criada uma composição cénica que espelha a imagem urbana, através da aplicação dos grandes painéis de vidro, que nas diferentes fases do dia reage á luz.

Incutir a novidade e a modernidade na restauração de edifícios protegidos pelo seu património, valor histórico e cultural, traduz-se numa busca pela criatividade onde o detalhe é relevante e a procura pela diferença e destaque não pode ser maior do que a procura pela compreensão da sensibilidade do envolvente.



Salas de vapor 26



Hot Bath 27



Piscina Piso 0 28

.Levantamento e análise

O projeto do Thermae Bath Spa fica ao encargo do arquiteto Nicholas Grimshaw, após este ter ganho o concurso lançado pelo município para a restauração de quatro edifícios classificados e a construção de um novo edifício. Os quatro edifícios para restauro contêm grande importância histórica e cultural para a cidade, sendo eles: Pump Room, Helting, Hot Bath e Cross Bath. O uso de materiais tradicionais e contemporâneos permite estabelecer uma ligação entre as características antigas dos edifícios e a modernidade da atualidade, através de materiais como o vidro e a pedra dourada de Bath.

O novo balneário está adaptado com piscinas de água quente, sauna e salas de tratamento. A volumetria do edificado foi analisada de forma a adaptar melhor o edifício novo dentro do contexto. O edifício novo revela dois volumes em pedra presos atrás de uma parede de vidro e no interior, um cubo de pedra sob colunas, envolvido numa capa em vidro. As formas geométricas simples definem o edifício. O conceito do projeto foi resolver um para juntar a um todo, integrando o novo no já existente.

A conjugação entre os edifícios revela-se funcional; a diferença entre os níveis dos edifícios é colmatada com o planeamento de dois andares e com a articulação de espaços de acesso com pontes translúcidas. O uso do vidro de alto desempenho, em grande parte do edificado permite a entrada privilegiada da luz e a coesão entre a diferença de material. O aço inoxidável e o betão ou concreto transferem a modernidade à tradição da pedra dourada de Bath, que incute identidade local à obra.

No piso -1 concentram-se as salas de tratamentos e a piscina de spa, a zona da piscina suporta por quatro colunas em forma de cogumelo um cubo em pedra, que pela sua forma pura traduz uma outra dimensão espacial.

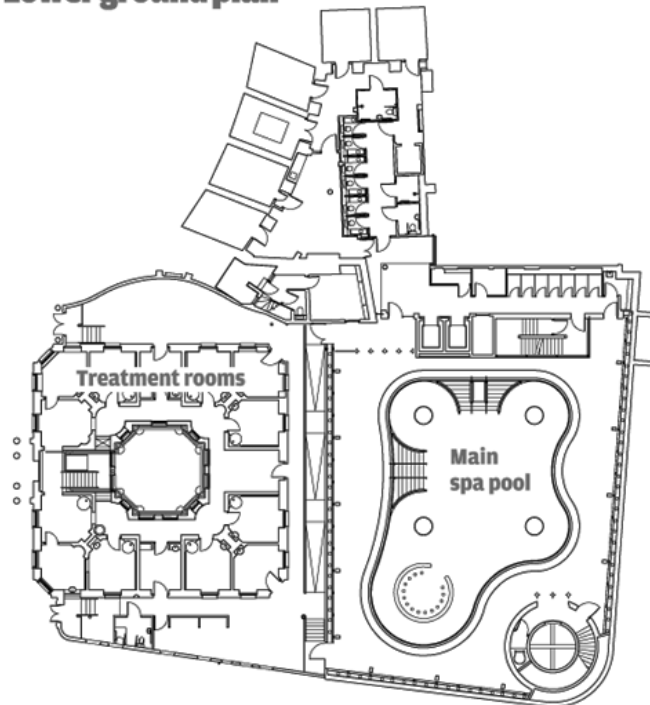
No piso 0, o piso térreo, encontramos a entrada principal e os vestiários.

No piso 1 verificam-se áreas ligadas ao lazer como o restaurante, o ginásio e as salas de massagem.

No piso da cobertura visualizamos a piscina exterior, que permite a visualização das paisagens de Bath, todo o conforto e relaxamento proporcionado pela expansão do horizonte, sem paredes. A sala de vapores resume-se a quatro salas redondas de vapor centradas em colunas, o uso da iluminação e a forma circular destas salas transcendem o espaço e originam perceções. As janelas circulares de vidro na cobertura fornecem luz ao seu interior. A iluminação pública e privada relaciona-se com os materiais e com a criação dos diferentes espaços atribuídos a diferentes funções.

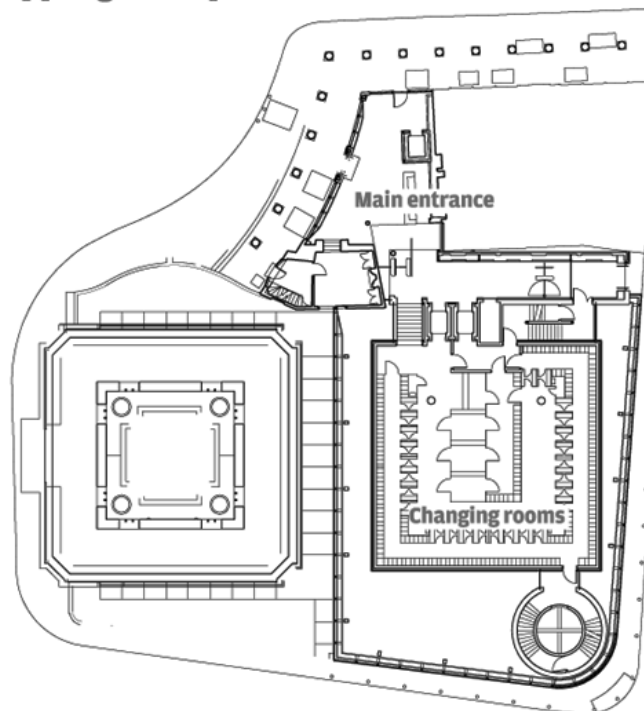
.Peças desenhadas

Lower ground plan



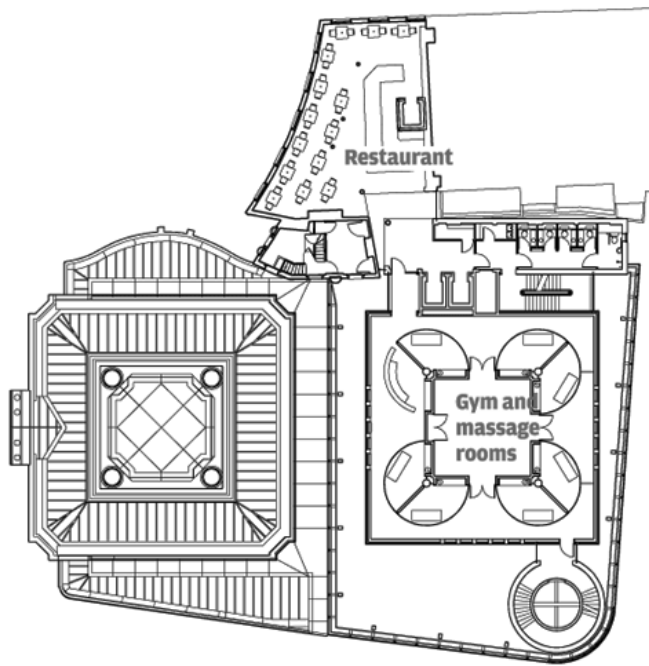
Piso -1 29

Upper ground plan



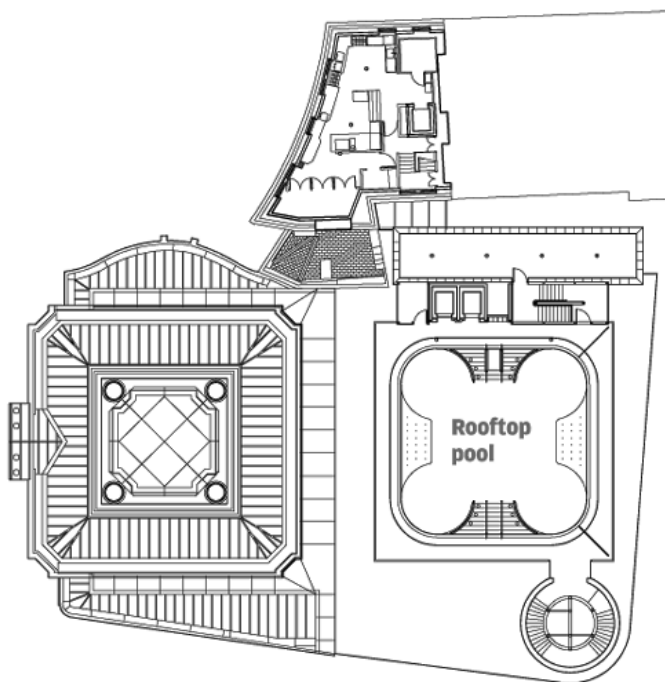
Piso 0 30

First floor plan



Piso 1 31

Roof plan



Piso da cobertura 32

5.2. Termas Internacionais

5.2.2. Termas de Vichy



Ailleurs, Fonte Lucas 33

Vichy na região de Auvergne, em França, retém uma forte ligação histórica com a atividade termal ao longo dos séculos. Será por tanto, mais um exemplo em que o termalismo desencadeou o potencial de crescimento económico, social e cultural da cidade na linha do tempo. A sua tradição e cultura fora preservada, refletindo-se na arquitetura de todo o envolvente. Estamos perante mais uma Cidade Spa, que desencadeou a moda e utilização dos duches Vichy. Com minerais e gases particulares, as propriedades revigorantes e relaxantes das águas termais desta cidade, revelam-se raras e portanto uma estratégia singular.

A cidade oferece várias e modernas instalações ligadas aos sectores de beleza, saúde, lazer, hotelaria, desportos, entre outras atividades.

.Resumo Histórico

Construído no início do século XVII, o edifício balnear “Logis du Roi”, fora o primeiro a ser construído na cidade de Vichy.

Com as primeiras referências em 52 a.C, a existência de fontes termais na região fora primeiramente conhecida pelos galo-romanos, que se estabeleceram na aldeia de então, precisamente por essa razão. As propriedades terapêuticas das fontes começaram assim a ser divulgadas.

No século I e II registam-se diversas curas através de vestígios deixados no local, Vichy apresentava já na época uma origem económica proveniente exclusivamente das suas águas. Sendo que o primeiro Spa da região não era mais nem menos que um centro de cerâmica da qual aproveitavam o barro/lama para tratamentos. Deu-se assim, a origem da Cidade Spa.

Na idade Média, com o fim da ocupação romana, a cidade termal cai em desuso e é ignorada durante alguns séculos. Com a instituição do Feudalismo no século X e XI são construídas novas edificações e a cidade reestrutura-se, sendo que Vichy fragmenta-se com as sucessivas gerações e heranças. Em 1344 Lord John II oferece Vichy a Pierre 1º de Bourbon.

No Renascimento, em 1523 com vários conflitos religiosos a acontecer por toda a França, Vichy por estar localizada num local de passagem e de conexão é devastada em vários momentos. No final do século XVI apresenta-se a primeira representação e descrição geográfica de Vichy e das suas fontes termais. Ressurge o interesse pelas águas termais da cidade imposta pelo rei Henrique IV que cria um documento de proteção e regulamentação, a Superintendência Geral de Fontes e Banhos Minerais. Este momento é consagrado com a construção de um pequeno pavilhão com as funções de balneário termal, denominado de “House of the King”, em 1630. Depois desta data surge um abrandamento na atividade termal.

Em 1729, Jacques- François Chomel, médico das águas de Vichy revela a importância de uma nova fonte e designa-a de Maison du Roy. Em 1785, as filhas de Luís XV, Adelaide e Vitória revelam desagrado com as condições degradadas do balneário e convencem o rei a fazer obras no local. As obras ficam ao encargo do arquiteto Janson, que reformula o balneário e acrescenta-lhe divisões mais agradáveis como a criação de uma galeria. Em 1799 á registo da utilização das fontes de La Maison du Roy por Letizia Bonaparte, a mãe de Napoleão Bonaparte.

No século XIX, em 1812, Napoleão aprova a criação do Parque das fontes e a ampliação do hospital. Mas é em 1821 que o antigo dá lugar ao moderno, com um novo estabelecimento termal. Numa época de efusiva moda social, onde os locais de lazer e de convívio se tornam passerelles sociais. Em 1861 e 1866, Napoleão inicia um novo ciclo de reestruturação urbana na cidade com a colaboração de um projetista urbano, transformando-a. Dá-se a construção de um casino, a câmara municipal, a Igreja de St. Louis, projeta-se novos parques para requalificar a zona pantanosa, edifica-se casas e pavilhões para albergar a classe alta e estabelece-se uma rota de águas quentes.

Em 1900 e 1901 volta-se a assinalar uma renovação nas construções da cidade com o alargamento do casino e a inauguração da sala de Ópera em Art Nouveau ¹, resumindo este conjunto ao “Grand Casino”. O parque é complementado com galerias cobertas em metal, com 700 metros de comprimento, decorados com frisos. Em 1903 é aberto o grande Estabelecimento termal, com uma cúpula decorada com azulejos azuis vidrados evocando o estilo Bizantino. No salão principal exibia-se dois murais, pelo pintor Alphonse Osbert, com o título de “La Source” e “Le Bain”, respetivamente a fonte e o banho.

No início do século XX, averigua-se um crescente nas referências arquitetónicas com a construção de hotéis e moradias. Com a primeira guerra mundial a despontar, Vichy tornou-se numa cidade onde os hotéis transformaram-se em hospitais temporários, e as termas abrigaram milhares de refugiados.

É essencialmente na década de 30 que a vida termal em Vichy atinge o seu auge com a criação de edifícios termais de grande capacidade, como Les Bains e Bains Callou Lardy.

A 22 de Junho de 1940, o Marchal Pétain, primeiro-ministro muda-se para a cidade de Vichy e com ele traz toda a comitiva do governo. A cidade expunha vantagens pela sua modernidade com um leque vasto de hotelaria e serviços de rápido acesso. Vichy é livre de encargos políticos com a saída de Pétain da cidade, restabelecendo a rotina anterior.

Com o fim da guerra, a atividade termal volta a atrair a atenção de muitos aquistas, sendo que no final dos anos 50 com o avanço tecnológico e o desenvolvimento da medicina, o tratamento termal sofre novas baixas e cai em declínio.

A partir dos anos 60, de forma a dar resposta á queda da atividade constrói-se um grande e novo complexo desportivo denominado de Parc Omnisports, adaptando o lago Allier para a acomodação dos eventos desportivos.

A partir dos anos 90, a cidade tem planeado diversos projetos para a modernizar em diversos contextos.



Casino com sala de ópera ³⁴

.Conceito e Caraterização

A cidade Spa reúne condições culturais, sociais e históricas para fazer despontar o turismo local, realçando a sua cultura termal, que subsistiu durante tantos séculos na cidade. Arquitetonicamente é detentora de pormenores e detalhes únicos, que revelam construções características de épocas e sociedades, como o edifício da Opera Vichy. As fontes presentes na cidade são: a Fonte Chomel, a Fonte Grande Grille, a Fonte Hospital, a Fonte Lucas, a Fonte do Parque e a Fonte Célestins. Com instalações desportivas, parques, unidades hoteleiras, serviços; a cidade está dotada de infraestruturas que potenciam o seu desenvolvimento económico.

Entre muitas estruturas construídas ao longo dos anos na cidade, a estrutura termal que evoca mais interesse, também por ter sido das últimas a ser construída marcada pela Art Nouveau ¹ são as Thermes de Dômes.

Nos anos 80, fora lançado um concurso público por uma concessionária termal, para a recuperação dos seus edifícios; Jean Nouvele concorreu e ganhou, iniciando a construção em 1989, sendo que pouco tempo depois. as obras foram canceladas e o projeto abandonado. O projecto revelava-se uma solução para o problema em questão, que era o facto do estabelecimento termal e o parque termal serem interrompidos por uma avenida. Num conjunto formado por dois volumes verticais e dois volumes horizontais, estabeleciam-se a conexão entre o hotel e o balneário, as piscinas encontravam-se no plano horizontal do subsolo e no plano horizontal da cobertura.

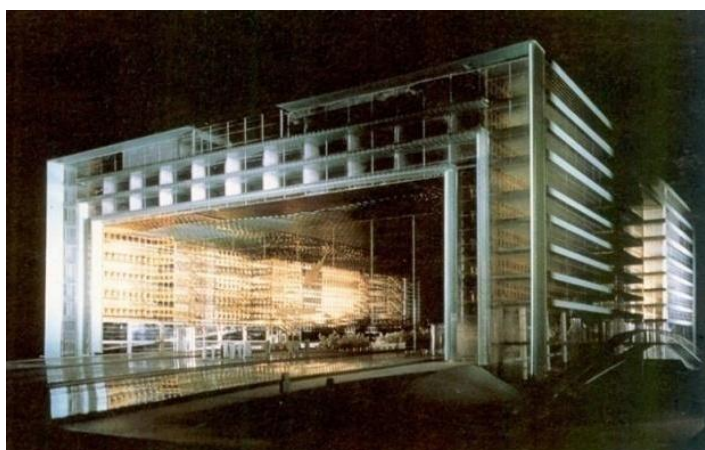


Imagem virtual, Jean Nouvele 35

.Levantamento e análise

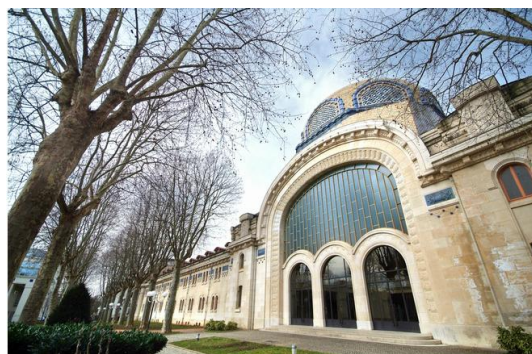
As “Thermes des Dômes”, ou mais propriamente, as Termas das Cúpulas, foram concebidas por Charles Lecoq em 1903, com um edifício de características bizantinas e uma fantástica cúpula decorada com cerâmica. O edifício Spa de primeira classe foi classificado de Monumento Histórico em 1989.

O Spa atualmente já não se encontra a funcionar, no entanto encontram-se spas ativos nas imediações da cidade, pertencentes à mesma concessionária.

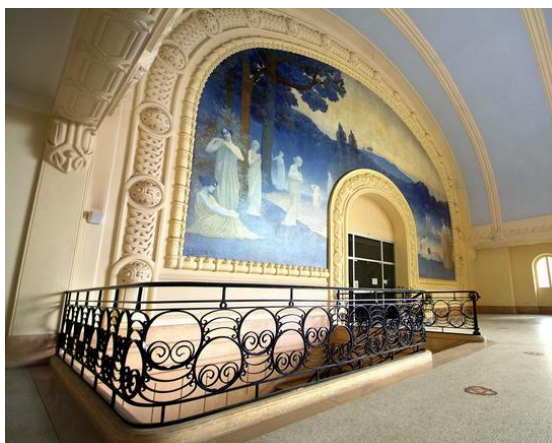
A arquitetura do edifício é portadora de elementos orientais, com uma ala masculina e outra feminina, nas extremidades encontravam-se suítes de luxo com piscina, duche e sala de estar com decoração em Art Nouveau¹, apresentando azulejos vidrados com motivos naturais.



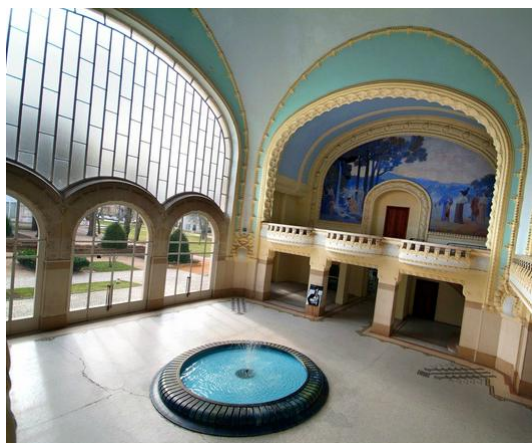
Cúpula, Thermes des Dômes 36



Fachada principal, Thermes des Dômes 37



Pintura interior, Thermes des Dômes 38



Fonte Grand Grille, Thermes des Dômes 39

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

6. Termas do Vale dos Cucos

6.1. Identificação

.Enquadramento Turístico

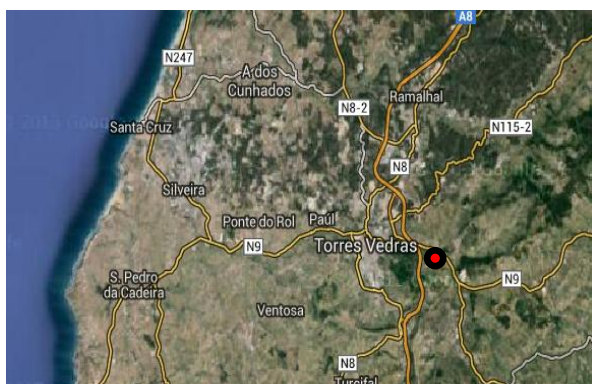
Torres vedras situa-se a sessenta e oito kilometros a norte de Lisboa, beneficia de uma vida comercial e agricula, compõe um respeitável núcleo de actividade onde convergem os interesses da região, nomeadamente vinicula. Cidade dotada de belissimas praias ao longo de uma vasta extensão de paisagem marítima assim como de paisagens pitorescas.

A rica história da cidade proclama visitas, revela vidas escondidas em cada virar de rua, estão presentes nas estações arqueológicas, no Castelo árabe, nas Igrejas e Conventos Medievais, assim como nas ruas e nas suas estâncias termais.

As famosas Linhas de Torres Vedras criadas para defrontar as tropas de Napoleão, constituíram a defesa da Capital em 1809, deixando marcas na cidade.

As Estâncias Termais da região do Oeste tem características e qualidades inegaláveis, sendo elementos fundamentais ao desenvolvimento da região, observando-se ultimamente a uma revitalização do termalismo.

A trinta e três metros de altitude, a dois kilometros da cidade, no sopé da serra da Macheia, destaca-se pela sua localização e relevância terapeutica das suas águas, as termas do Vale dos Cucos. Assim chamado pela tradição histórica, de no local, o primeiro a cantar ser um cuco.



Localização no espaço 40



Vista aérea 41

.Fauna e Flora

O parque do Vale dos Cucos tão apreciado pelos seus visitantes, ainda nos dias que correm, seria desprovido das suas belas árvores antes de se tornar proprietário o Dr. Neiva Vieira, que se preocupou com a composição natural do sítio, mandando plantar duzentas árvores provenientes do Buçaco, de forma a tornar o parque num espaço agradável aos seus visitantes. Possibilitando passeios pedestres aos pacientes das termas, sendo hoje aberto a todas as pessoas que assim o decidam frequentar.

A Flora existente permitiu uma Fauna rica em variedade, sendo a Flora composta por: *Acer pseudo platanus*, *Acer negundo*, *Acer rubra*, *Acer campestri*, *Abies pectinata*, *Abies cephalonica*, *Picea excelsa*, *Acácia eynolhilla*, *Acácia leophylla*, *Acácia ratinoides*, *Acácia verticilata*, *rubinia pseudo-acacia*, *Pinus insignis*, *Pinus syvestri*, *Pinus austríaca*, *Aesculus hippocastanum*, *Coryllus avellanus* e *Ulmus nigra*.

A Fauna é composta por: Águia de Bonelli, Águia de asa redonda, Cobra de água, Coelho Braço, Corvo, Cuco *Conorus*, Galinha de água, Lagarto comum, Peneiro cinzento, Peneiro vulgar, Perdiz comum, Raposa, Toupeira, Melro comum e Pombo das rochas.



Envolvente do Parque das T. Cucos 42

.Aspetos Geológicos

As termas dos Cucos encontram-se nos aluviões (sedimentos fluviais) do rio Sizandro a 1750 metros de aonde nasce o rio. Os sedimentos com a espessura de apenas dez metros assentam sobre rochas margo-calcárias (rochas sedimentares provenientes de arenitos), cuja idade está avaliada em mais de 150 milhões de anos. A fracturação destas rochas permite o encaminhamento, por grandes falhas (causadas por pressões interiores), da água, vinda do interior da terra.

A nascente principal localiza-se no cruzamento de uma falha transversal (a sul do vale) com outra falha oblíquo-a que atravessa o Vale dos Cucos. A segunda nascente encontra-se a trezentos metros da primeira nascente, sendo esta menos abundante. Trata-se de águas aquecidas pelo movimento em profundidade, classificadas como Cloretadas Sódicas com uma elevada radiação e uma temperatura de trinta e oito graus. A dureza das águas subterrâneas são de cem a trezentos mg/l. As águas eram utilizadas em tratamentos de banhos de imersão e lamas para indicações de reumatismos, artrite-reumática, tratamento de gota, doenças de pele, linfatismo e doenças endócrinas.

.Nascentes

São duas as nascentes que abastecem o Balneário e introduzem sistematicamente água para o rio Sizandro através de um cano com cerca de cem metros, que permite também a recolha de lama proveniente do arrastamento das águas. Estas nascentes denominam-se de Cucos Novos e Cucos Novos Fria. A nascente da Buvette é destinada ao uso interno e intitula-se de Cucos Moderno. A nascente das Lamas era utilizada no tanque de maturação das lamas medicinais, a lama era recolhida do cano por várias aberturas e depositada no tanque, no fim da época balnear, onde permanecia um ano expostas à ação das águas medicinais, depois era tratada e transportada para o balneário, aplicadas em banhos de lamas e cataplasmas. Resultava uma lama escura e plástica com propriedades químicas excelentes para emplastos diretos na pele. A nascente identificada como Cucos velhos, e a nascente Olival deixaram de ser utilizadas e a nascente dos Coxos destinava-se ao uso popular e localiza-se mesmo à entrada do parque.

Todas as águas provenientes destas nascentes apresentam características muito semelhantes, alternando ligeiramente. Existiram resultados terapêuticos documentados em narrações clínicas publicadas pelos diretores do estabelecimento termal e por diversos médicos que o frequentavam.

6.2. Contextualização Histórica

.Primeiras Referências ao local

A primeira referência ao local data da primeira metade do século I, sendo descobertas em 1959 lápides funerárias que evidenciavam a presença de um cemitério romano. Havendo a possibilidade das capacidades terapêuticas das águas do Vale dos Cucos terem sido do conhecimento dos Povos Romanos; dada a importância que davam aos banhos termais, poderão ter sido dos primeiros a utilizarem naquele local. Tratando-se de um fenómeno geológico anterior à existência humana.⁴¹

O Vale dos Cucos concerne à Quinta da Macheia que é referida em 1309 com apenas dois fogos, aquando do primeiro numeramento nacional em 1527 teria dezoito fogos vizinhos. Algumas propriedades de então pertenciam ao mosteiro de Alcobaça, concelho de D. Manuel, no século XVI.⁴²

A partir do século XVII, as propriedades da quinta começam a ser compradas por Domingos Fernandes Monteiro, transformando-se numa aldeia, revelando ser um processo demoroso.

Em finais do século XVIII, a quinta da Macheia pertence ao Dr. António de Matos Pereira que após o seu falecimento considera-se Miguel Lourenço Peres herdeiro e dono da mesma. Sendo Miguel Peres o primeiro a tentar realizar alguns melhoramentos na captação das águas, admitindo que seja no século XVIII que as propriedades das águas do Vale dos Cucos adquirem maior importância e conhecimento.

O falecimento de Miguel Peres gera conflito pela posse das propriedades entre uma descendente de António de Matos Pereira e o seu descendente direto José Lourenço Peres (último capitão Mor de Torres vedras) delongando o veredito até 1830. Resultando José Peres como proprietário.

A vida socioeconómica destas propriedades em 1831 denota uma acuidade produtiva do local distribuída por vários proprietários; descrito num documento existente no arquivo Municipal de Torres Vedras, que regista os pagamentos das Décimas, referentes às propriedades urbanas de então.

⁴¹ Torres Vedras Antiga e Moderna, Júlio Vieira, Julho de 1926, Capítulo XXIII, pág. 261 “ É possível que durante o domínio Romano que tão largos vestígios deixou nesta região, as termas não fossem desconhecidas...”

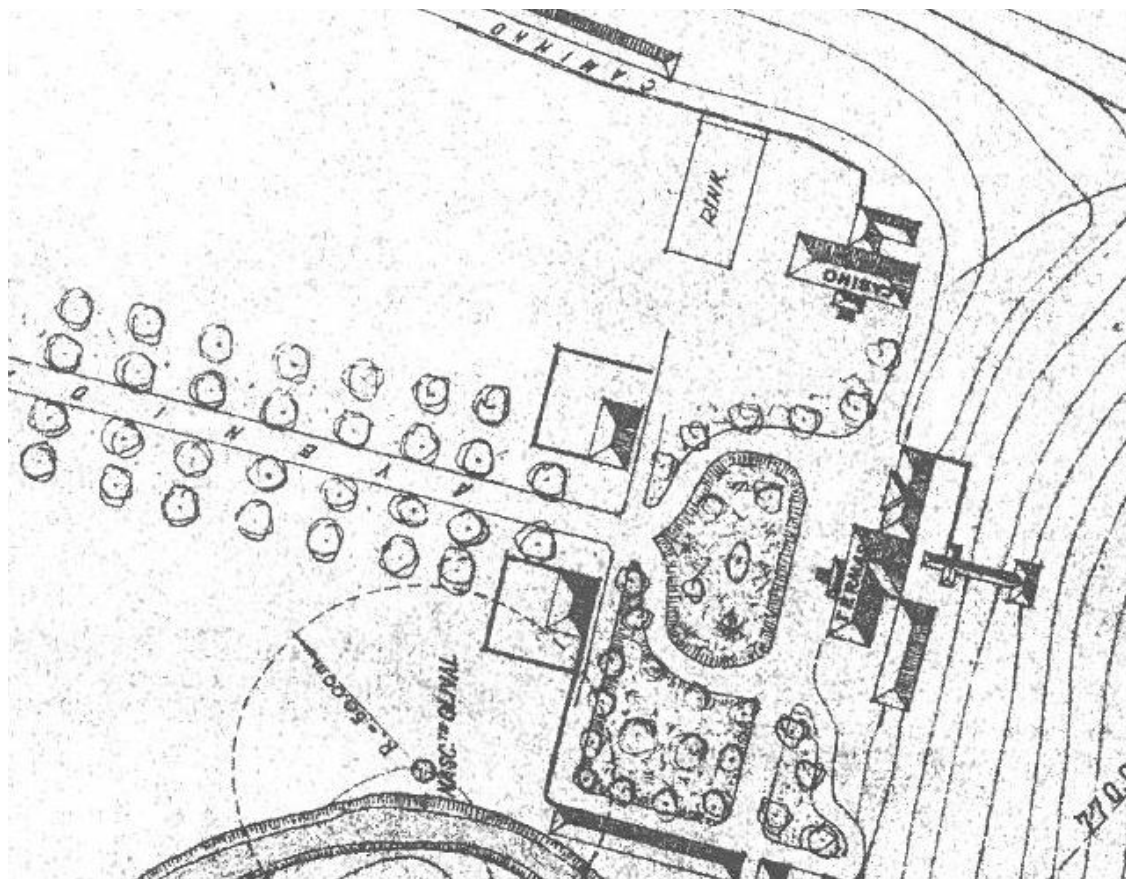
⁴² Artigo da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, Termas dos Cucos, Valdemar Neves, 1993, pág.2, "A Macheia é referida pela primeira vez em 1309 com 2 "fogos" e no primeiro numeramento nacional de 1527..."

Contabilizando vinte e duas propriedades, entre as quais a quinta da Macheia pertencente a José Lourenço Peres. Avaliada em 30.000réis, produziam-se cinquenta e uma pipas de vinho, cento e trinta e seis alqueires de pão meado e dezoito cântaros de azeite. ⁴³

José Lourenço Peres e a sua família encontravam-se em ampla dívida (no valor de 11.515\$545) com João Gonçalves Dias Neiva de Lisboa, explicação para a qual a Quinta da Macheia viesse por fim a pertencer á família Neiva, a partir de 1836.

João Neiva constrói em 1860 casas para alojamento dos doentes e novas casas de banho ainda em madeira, nos Cucos Velhos.

Em 1890 herda a Quinta do Vale dos Cucos o seu filho José Gonçalves Dias Neiva, que origina o processo de edificação e evolução das Termas do Vale dos Cucos. ⁴⁴



Planta Topográfica 43

⁴³ Artigo da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, Termas dos Cucos, Valdemar Neves, 1993, pág.2, "A Quinta da Macheia, do Capitão José Lourenço Peres avaliada então em 30.000reis (o edifício "urbano")..."

⁴⁴ Artigo da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, Termas dos Cucos, Valdemar Neves, 1993, pág.3, " O juros de empréstimos também estavam sujeitos então ao pagamento da décima e nesse documento encontramos uma referencia à dívida de José Lourenço Peres e "sua mulher" a "João Gonçalves Dias de Lisboa", no valor, altíssimo para a época de...11.515\$545..."

.Primeiras Referências às Águas do Vale dos Cucos

As primeiras referências às águas dos Cucos datam do século XVIII, referidas pelos párocos das freguesias de St^a Maria, S. Miguel e S. Pedro no inquérito paroquial, concretizado a nível nacional em 1758.

«Escrevia o Padre António Ribeiro, cura de Santa Maria, com a data de 7 de Maio de 1758:

*“Ha poucos anos se descobrirão huns olhos de agoa calidas, que nascem na margem do rio Sizandro e ficão em distância desta villa a parte da nascente por espaço de hum quarto de legoa, junto ao Moinho do Carpinteiro, em que se tem experimentado especial virtude para o figado”*⁴⁵

Citando também o Doutor Cirurgião Máximo Moniz de Carvalho que averigua os efeitos medicinais das águas, em 1746. Sendo que os efeitos benéficos das águas já eram de conhecimento público, frequentadas por inúmeros doentes na altura. Surge assim a necessidade de melhorar a precariedade das instalações rudimentares, constituídas por tinas de madeira de pequenas dimensões, submersas no terreno enlameado. As melhoras de quem usufrui das fontes termais começam a expandir-se sobre a visualização e direção do Cirurgião. A fama das águas passou a ser não só de interesse meramente público, mas também de interesse médico, começando a ser discutidas as suas propriedades nas publicações científicas.⁴⁶

Em 1810, o Doutor Francisco Tavares em pesquisa, encontra dez fontes e todos os médicos que lhe seguem posteriormente, asseguram o mesmo. Mas em 1890 o Engenheiro António Jorge Freire (autor do projeto da Vila Neiva dos Cucos) revela com a desobstrução do poço mais antigo que apenas existe uma fonte, rompendo nas zonas mais frágeis do terreno.⁴⁷

Por Visconde de Balsemão, em 1813, surge a primeira análise científica de qualidade das fontes, intitulada como "Análise das Águas Minerais dos Cucos e Descrição Física do Sítio".

⁴⁵ Memórias Paroquiais, St^a. Maria A.N.T.T, 1758, citação.

⁴⁶ Edição do jornal ilustrado português «A Hora», direção de Bandeira de Tóro, Lisboa 1937, pág.3 “...Senão vejamos: Em 1746 é o cirurgião Máximo Moniz de Carvalho que, levado pelos belos resultados que o vulgo tem tirado do seu uso, as estuda e as «põe em medicina».”

⁴⁷ Edição do jornal ilustrado português «A Hora», direção de Bandeira de Tóro, Lisboa 1937, pág.4 “Mas, segundo o engenheiro António Jorge Freire (Os Cucos Descritivo, pag.192) «onde o Dr. Francisco Tavares contava dez nascentes não há realmente senão uma, como se manifestou na desobstrução do poço....”

Joaquim dos Santos Silva em 1892 analisa as águas, seguindo-se Frederico d'Orey, que a pedido do proprietário apresenta o Relatório de Reconhecimento para a concessão das Termas. Lepierre em 1896 classificou as águas como cloretadas sódicas e em 1910, Oliveira Pinto faz um estudo sobre a radioatividade das lamas. Muitas foram as análises e os estudos efetuados sobre as propriedades das águas e das lamas das Termas dos Cucos; em 1926, Andrade expõe o seu projeto de novas captagens, á qual Lepierre apresenta uma nova análise.⁴⁸

Com o comprovativo que os domínios hidromedicinais das águas se conservavam, realizou-se um novo furo de captação em 1996. Estavam confirmadas condições para projetar um novo e mais qualificado balneário, mas em 1999 as Termas não reabriram com a explicação da execução do novo projeto e até então permanecem encerradas.



Preparação das lamas no edifício termal 44

⁴⁸ Edição do jornal ilustrado português «A Hora», direção de Bandeira de Tóro, Lisboa 1937, pág.8 e 9 “A análise química das lamas foi feita pelo ilustre Químico Charles Lepierre, e deu os seguintes resultados...”

.Inauguração

A 26 de Novembro de 1890 iniciam-se as obras para a construção da Vila Neiva dos Cucos, incluindo o desvio do leito do rio para o lado esquerdo para evitar a infiltração das águas. Sendo projetadas por Jorge Freire, as obras prolongaram-se por um ano e meio. O plano incluía um hotel com trezentos quartos, o estabelecimento termal, quarenta moradias idênticas organizadas lateralmente pela direita e pela esquerda da avenida, a capela, o mercado, o casino, albergues e um solário para crianças.

Para a inauguração a 15 de Maio de 1983, deste plano só se consolidou o estabelecimento termal assim como os anexos, a praça e a avenida. Embora em 1982 já tenha sido aberto provisoriamente ao público. Por falta de verbas a realização das restantes obras traçadas no plano de Jorge Freire foram construídas posteriormente. Das quarenta moradias projetadas apenas duas foram realizadas, a moradia “D. Feliciano” em 1985 e a moradia “D. Maria” em 1986, na mesma data foi construído o edifício Casino. O Hotel e a Capela são posteriores.

A inauguração foi marcada pela presença de atos comemorativos como foguetes, a banda filarmónica Torreense e o festejo do povo em geral que saudava em homenagem o proprietário do Estabelecimento. Começou com a bênção religiosa á lápide comemorativa pelo reverendo Prior de Matacães, depois a receção e homenagem ao Senhor Neiva e por fim o levantamento da bandeira e a leitura do auto.⁴⁹

Após a inauguração a direção do estabelecimento termal fora confiada ao Diretor Justino Xavier da Silva Freire, falecendo a 1926, sucedeu-lhe o Diretor Boaventura Dias Sarreira. No primeiro ano de direção organizou uma viagem ás principais estâncias termais da Europa Central de forma a completar os seus conhecimentos sobre hidrologia terapêutica. O proprietário de então José António Vieira incumbiu o Professor Freire de Andrade de novas pesquisas hidrológicas, resultando na abertura de um novo poço para captagem de águas termais, de uma buvette num belo edifício.

⁴⁹ FREIRE, António Jorge, in Annaes das Thermas dos Cucos - Relatório da Época Balnear de 1893, T. Vedras, 1893, pp. 68 a 73,... "despontava a aurora aos sons da magnífica philarmonica de Torres, celebrando em Machêa, residência do sr. Neiva, o alvorecer d'este memorável dia, que se marcava uma data importante nos fastos do Concelho com uma obra arrojada de verdadeiro interesse público, devido à iniciativa de um só homem, mais gloriosamente assignalava um facto humanitário, destinado a levar o alívio e a saúde há humanidade que sofre. "Resolvera o sr. Neiva não festejar a inauguração, limitando esta a uma pequena festa familiar, reduzindo o programma à bênção da lapide commemorativa, e levantamento da bandeira do estabelecimento."

.O Projeto, a Edificação

Em 1868, João Dias Neiva (o primeiro proprietário da família Neiva) morre, deixando os primeiros passos para a edificação das termas do Vale dos Cucos, apesar de rudimentares despertaram o interesse de diversos profissionais relacionados. Sucede-lhe o seu sobrinho José Gonçalves Dias Neiva.⁵⁰

O Alvará aprovado a 25 de Outubro de 1893, pela junta consultiva de obras públicas, dava início à Vila Neiva dos Cucos, estância Termal. O proprietário de então, José Neiva, decidiu proceder às obras de modernização da vila após a comprovação do potencial da nascente, com um débito de 259.000 litros por dia.

O rio Sizandro dividia o projeto para a vila em duas zonas, era necessário desviar o leito do rio para a esquerda de forma a dar início às construções. Dirigidas pelo arquiteto António Jorge Freire e pelo mestre João José Alves começaram em 26 de Novembro de 1890.

O Plano consistia na execução de um edifício termal, um hotel, moradias modestas, um hospital termal, uma capela, o mercado, o casino, quarenta moradias iguais, um solário para crianças, um chalé para repouso dos pacientes, parques arborizados e avenidas. Deste plano apenas foram realizados o balneário, um hotel de dimensões mais pequenas, duas moradias D. Feliciana em 1895 e D. Maria em 1896 (das quarenta projetadas), a capela, o casino em 1896, a avenida e praça das termas e as moradias modestas para albergar pacientes e funcionários.

A 11 de Julho de 1892 o balneário termal fora aberto provisoriamente para dar início à sua exploração, mas só um ano mais tarde viria a funcionar na sua totalidade.

Em 1902, José Dias Neiva foi agraciado com o título de Conde da Macheia, pelo Rei D. Carlos. Muitas foram as ilustres personalidades que se renderam aos encantos do Vale dos Cucos, entre elas salientam-se nomes como o Rei D. Manuel II em 1908, Egas Moniz de 1902 a 1907, o Presidente da República António José de Almeida em 1920, entre outros.

José Gonçalves Dias Neiva falece em 1929 trazendo uma nova sucessão marcada pela estagnação das Termas. À direção de José António Vieira até 1962, data da sua morte. Surge José António Neiva Vieira como novo diretor da estância termal, editando em 1964 a monografia “ História das Termas do Vale dos Cucos”. A sua trágica morte ocorre em 1987, tornando-se no último da família Neiva Vieira a exercer diretamente no local.

⁵⁰ Matos, Venerando Aspra de, Vedrografias, A Histórias das Termas dos Cucos, 6- A Mudança, Endereço: <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=Termas+dos+Cucos>

6.3. Leitura formal do conjunto

A particularidade de apenas uma parte do projeto ter sido edificada realça a relevância das partes construídas. Os edifícios representam a arquitetura civil de caráter habitacional e de equipamento.

Dos equipamentos erguidos no local constam: o edifício termal com residência no último andar, a capela com acesso à residência, a casa da caldeira e a casa de apoio à caldeira, a Buvette, duas moradias, o hotel, o casino e a residência dos trabalhadores.

O complexo desenvolve-se em torno de um largo onde culmina por um eixo central a entrada (a alameda), numa malha urbana regular. No centro do largo erguem-se flores ladeando um lago circular, promovendo o jardim central. As moradias simétricas ao eixo da alameda fecham o círculo de acesso aos edifícios. No fim da perspetiva, da entrada para o complexo termal, observa-se o centro do edifício principal, o estabelecimento termal.



Edifício Termal e Hotel 45



Moradias 46



Casino 47



Buvette 48

.Estabelecimento Termal

O edifício termal ostenta simetria na fachada principal de características neoclássicas, apresentando uma imponente presença desde a alameda. As grandes janelas clássicas recortam as paredes lisas em distâncias precisas, destacadas por frisos clássicos subtis. Os gradeamentos adornam as janelas e a porta principal eleva-se a 150 cm do chão expondo uma majestosa entrada. O coroamento do edifício é feito pelo soberbo frontão delicadamente ornamentado e pelas seis chaminés revestidas a tijolo, posicionadas simetricamente em relação ao eixo do edifício.

Formado por três corpos, um central e dois laterais, o edifício comporta três plantas, o piso térreo, assim como o primeiro andar, destinavam-se aos serviços de balneoterapia e o último piso determinava a residência particular do proprietário.

A planta do piso térreo é dividida horizontalmente por duas cotas diferentes, estando a cota inferior reservada às piscinas e à zona com tratamentos por via de águas e lamas. Na cota superior verificam-se zonas de serviço e de apoio técnico ao estabelecimento, os acessos entre uma cota e a outra são feitos pelas escadas.

Na planta do primeiro andar visualiza-se uma planta quase simétrica pelo eixo central das escadas de acesso à entrada principal, estabelecendo uma separação entre os banhos de primeira classe e os de segunda classe, localizando-se respetivamente à esquerda e à direita na planta. Estão presentes nesta planta também a receção, o escritório e o consultório médico.

Por uma escada circular tem-se acesso ao último piso do edifício, destinado a uso exclusivo do proprietário. Por um corredor longitudinal faz-se a divisão dos quartos e de uma sala, no seu culminar está o acesso à Capela particular da família. A existência da capela prendeu-se entre a vontade do proprietário e na ideia de continuidade do culto religioso durante o período de tratamento, aliado à purificação física para os aquistas.

No interior, o edifício ostenta belíssimos tetos trabalhados em gesso, revestimentos e pavimentos em mármore, revestimentos em azulejo, escadarias com corrimãos em ferro ornamentados, portas e janelas em madeira e sublimes arcadas revestidas também em madeira. No centro do edifício, segunda planta, encontra-se uma fonte magnificamente esculpida num pequeno altar. A Capela no último piso já não exhibe os santos, por questões de segurança, outrora colocados no altar adornado; permanecem as velas.

São várias as referências, por homenagem, espalhadas em placas e medalhões pelas paredes interiores do edifício. O mobiliário deixado ficar, desde os tempos de funcionamento, encontra-se debilitado, mas retrata exatamente a época social em que foi enquadrado. As paredes revelam os anos de abandono, os sinais de humidade são evidentes. Apesar do estado degradado, principalmente no interior, percebe-se visualmente a sua grandiosidade. Deixou de funcionar em 1998.

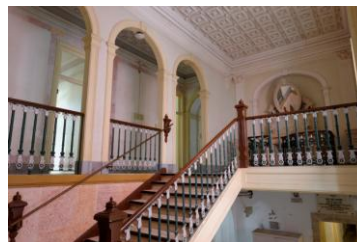
Requalificação das Termas do Vale dos Cucos Torres Vedras



Fachada das Termas 49



Salão, Termas 50



Escadaria, Termas 51



Banhos, Termas 52



Duches, Termas 53



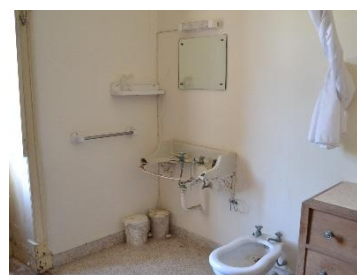
B. de cadeira, Termas 54



Fachada do Hotel 55



Entrada do Hotel 56



Quarto do Hotel 57

.Hotel

O último edifício, do complexo, a ser construído foi o hotel com planta ligada ao edifício termal. As plantas dos dois pisos apresentam semelhanças de características simples, ambas retangulares. Os quartos tem dimensões diferentes, mas quase todos apresentam instalações sanitárias no seu interior, sem compartimentos. A primeira planta encontra-se conectada á planta do primeiro andar do edifício termal, ou seja, localiza-se a 150 centímetros do piso térreo. A união das plantas é explicada pela intenção de salvaguardar os tratamentos e o bem-estar dos aquistas hospedados no hotel, permitindo um rápido e coberto acesso ao edifício termal. No seu interior exhibe particularidades construtivas semelhantes ao edifício conectado. No exterior, as fachadas são comparativamente mais simples que as do edifício termal, as janelas de cantarias simples, com as mesmas dimensões, repetem-se ao longo da fachada retangular interferida pela entrada principal do edifício. Apesar da sua simplicidade a fachada do Hotel/Pensão não destoa na imagem geral do agregado, apenas enaltece o edifício principal do complexo termal.

.Casino

Construído em 1896, o Casino preserva a linguagem arquitetónica do edifício principal, funcionando até meados do século XX. De nome casino, o edifício apenas suportava como funções a de restaurante e de sala de espetáculos. Era comum a atuação de grupos musicais, que animavam as noites da época balnear, a música, o canto e a representação sucediam-se, oferecendo um espaço de diversão a quem o frequentava. Personalidades como Amália Rodrigues atuaram no palco do casino, hoje abandonado de sons musicais.

Nas suas fachadas identificam-se singularidades conformes às das fachadas do edifício principal. O pequeno frontão esculpido marca a entrada primordial do edifício e as janelas com vitrais azuis surgem como novidade no enquadramento geral, provocando sensações de luz na beleza espacial do salão de espetáculos. As janelas emolduradas pelos arcos de volta perfeita que embelezam as fachadas, pronunciadas no meio da natureza.

No seu interior, a primeira planta, abaixo do nível térreo, refere-se à zona de serviço como a adega, a lavandaria e os quartos dos funcionários. No piso da entrada principal encontram-se o salão de espetáculos, a sala de refeições, o bar, instalações sanitárias para os clientes, a receção, o bengaleiro, o escritório, a copa, a cozinha e arrecadações. Os pavimentos são revestidos a madeira e a mosaicos e as paredes a azulejos e estuque.

Atualmente o Casino é o único edifício do complexo em ativo e em fase de recuperação parcial. O seu espaço é utilizado para eventos como casamentos, batizados e outras circunstâncias, mas a sua competência transcende ainda a sua função atual.

Em frente ao Casino surge um ringue, outrora utilizado como ringue de patinagem, que trazia a modalidade muito em voga na época, ao complexo termal.



Salão do Casino 58



Cozinha copa, Casino 59



Casino em recuperação 60



Casino 61

.As Moradias

Descritas como “casas de campo inglesas”, as moradias D. Feliciano e D. Maria assinalavam um revivalismo livre, marcadamente eclético. Idênticas, as vivendas faziam parte de um conjunto de quarenta vivendas que não chegaram a ser edificadas, apenas estas duas foram erguidas em 1895 e 1896, respetivamente.

A beleza do seu conjunto pitoresco assemelha-se aos chalés com telhados com pináculos, de imagem romântica envolvida na natureza. As suas fachadas ligam-se ao complexo, completando um jogo de materiais, com revestimentos entre as paredes lisas, o tijolo e a pedra. As vivendas marcam a entrada e a saída de todo o complexo termal como um pórtico pelo eixo de simetria da alameda.

Tendo como função albergar os aquistas mais nobres da época, as moradias alegam interiores mais simples que os seus exteriores, com quartos semelhantes aos do hotel, sala de estar, quarto para a criada, arrecadações e um vestíbulo.

Na data atual as moradias D. Feliciano e D. Maria encontram-se deterioradas, principalmente nos telhados, no entanto a sua imagem no contexto exterior surge com verdadeiro encanto, assemelhando-se a pequenos palácios.



Moradias D. Feliciano e D. Maria 62

.Buvette

A Buvette ou captação da água na nascente encontra-se a uma cota abaixo do nível térreo, no centro de uma planta quadrangular. A fonte é rececionada por um alpendre ladeado de colunas no piso térreo, revestida a azulejos; permitindo o acesso através de uma escadaria circular. As suas fachadas transmitem um vínculo arquitetónico com as fachadas do edifício termal. O pequeno jardim pertencente á buvette, no seu exterior, revela o romantismo da natureza envolvente.



Interior da Buvette 63



Entrada da Buvette 64

6.4. Património das Termas do Vale dos Cucos

Classificado como MIP a 3 de Junho de 2013, na portaria número 318/2013, pela Direção Geral do Património Cultural, a Estância termal do Vale dos Cucos revelou valor estético, técnico e material suficiente para suscitar o interesse social e cultural. Também foi estabelecido uma zona especial de proteção a 23 de Maio de 2013 de forma a salvaguardar toda a área da estância, descrita na mesma portaria.

De enquadramento rural, encontra-se a 2 quilómetros de Torres Vedras. Localiza-se na margem direita do rio Sizandro, no sopé da quinta da Macheia, pertencendo às freguesias de São Pedro e Santiago, Santa Maria do Castelo e Matacães. A utilização inicial da propriedade privada destinava-se à saúde e ao lazer do parque termal, atualmente as termas encontram-se encerradas. A utilização das suas águas minerais começaram em 1746, porém só foram realizados estudos sobre estas em 1866, quando 20 anos depois é projetada a construção da estância termal com a chegada do primeiro comboio na linha do Oeste. Da autoria do arquiteto António Jorge Freire as fachadas Neoclássicas do complexo termal revelam pormenores arquitetónicos únicos de abundante valor.

As termas do Vale dos Cucos desenvolveram-se no crescente interesse e na procura da atividade termal no século XIX, que se afirmava por toda a Europa. A sua importância arquitetónica, topográfica e urbana consolidam e justificam a classificação de Monumento de Interesse Público.



Paisagem da Estância Termal 65

7. Proposta: Termas do Vale dos Cucos

7.1. O Conceito

A identificação da sociedade que reside num determinado local passa pelo enquadramento e enraizamento da sua vida nesse local, a ligação estabelecida com lugares ou espaços travam histórias e constroem culturas. As pessoas passam o testemunho de vida através de locais que lhes foram relevantes, sítios que se mantêm de gerações em gerações pelas suas edificações e são preservados pelo interesse socio cultural que representa para tal comunidade.

É exemplo de pertinência histórica, social e cultural, as Termas do Vale dos Cucos em Torres Vedras. O sentimento de pertença por uma propriedade privada que é mantida na memória de muitos que por lá passaram; muitas são as vivências que marcam o local e muitas são as memórias que não permitem levar tal espaço, tão representativo para toda a cidade, em esquecimento. É importante sublinhar o interesse e o trabalho de divulgação que a Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras tem tido, demonstrando a importância da preservação de locais emblemáticos para a cidade e a sua classificação, constituindo uma defesa. É de referir também um projeto de investimento para o local proposto pela empresa Acqualibrium em 2007, reestruturando o complexo termal, implementando novos edifícios e atribuindo a função de museu ao edifício termal existente. Tal projeto direcionava-se para um conceito de turismo premium, impondo-se de certa forma à natureza social do edificado, uma vez que este fora frequentado por todas as classes sociais, apesar de algumas distinções, era abrangente a sociedade que tirava partido dos benefícios termais daquele espaço, tornando-o num local carismático e acolhido por todos. O projeto arrojado não conseguiu ser realizado e o local permanece inalterado e frequentado por pessoas de todas as idades que pretendem desfrutar de um passeio por entre a natureza esplendorosa deste lugar.

A proposta para as Termas do Vale dos Cucos apresenta-se sob a forma de compromisso e respeito pela natureza social e contextual do edificado. Talvez ignorar o existente, implementando novos edifícios mais atuais ou simplesmente atribuir-lhe a função de museu fosse o suficiente para fazê-lo revitalizar, mas a ideia de lhe atribuir novamente uma vida adaptável e útil às características originais das suas construções é devolver-lhe o que sempre foi seu, a sua história, a sua ligação humana, a interpretação do passado com o presente, oferecendo uma continuidade à sua biografia autêntica. De forma a responder também às necessidades atuais dos serviços implementados é desenvolvido um programa que sobrepõem a importância das suas tradições, adaptando-se à realidade moderna do desenvolvimento das atividades. A sua classificação como monumento de interesse público salienta-se na intervenção proposta.

7.2. O Programa

Com base na ligação intemporal que o complexo termal revela para toda a sociedade e a imagem criada por todos nas suas memórias fotográficas, é interpretado um interesse em manter as suas características originais, contudo a necessidade de equiparar serviços e de responder a expectativas económicas e sociais bem-sucedidas para o local, revela-se crucial para a revitalização interior do edificado, adaptando-o às precisões das suas funções. Torna-se importante salientar que a proposta advém da acuidade de manter o espírito comunitário popular que frequentou e vivenciou o local levando à sua classificação.

O programa incorpora todo o complexo termal, desde as moradias, o casino, a buvette, o hotel e o edifício termal, sendo composto por:

Edifício Termal, balneário

Serviços prestados:

- . Recepção e sala de estar.
- . Salas para tratamentos de hidromassagem, com acessos a 2 balneários, feminino e masculino.
- . Salas para tratamentos por banhos de lamas, com acessos a balneários.
- . Instalações sanitárias independentes.
- . Saunas, sala de duche Vichy e duche circular.
- . Duas piscinas termais com balneários femininos e masculinos e balneário com acessibilidades.
- . Ginásio com balneários.
- . Salas de massagem e repouso e sala individual de massagem.
- . Gabinetes médicos.
- . Bar
- . Capela

Serviços administrativos:

- . Escritório.
- . Sala de Reuniões.
- . Gabinete do Diretor.

Área técnica:

- . Sala das máquinas
- . Área de serviço de apoio aos tratamentos
- . Dispensa e Economato
- . Lavandaria e Engomadoria

- . Zona dos funcionários: Balneários para ambos os sexos, instalações sanitárias, sala de repouso e refeitório.

Restaurante Casino

Serviços prestados:

- . Receção.
- . Salão.
- . Sala de espetáculos.
- . Palco.
- . Instalações sanitárias femininas, masculinas e com acessibilidades.
- . Bar, sala de refeições.

Área técnica:

- . Adega
- . Bengaleiro.
- . Dispensa de apoio ao Bar.
- . Cozinha, copa limpa e copa suja, zona de confeção e preparação de alimentos.
- . Zona de serviço á cozinha.
- . Instalações sanitárias para funcionários.

Hotel

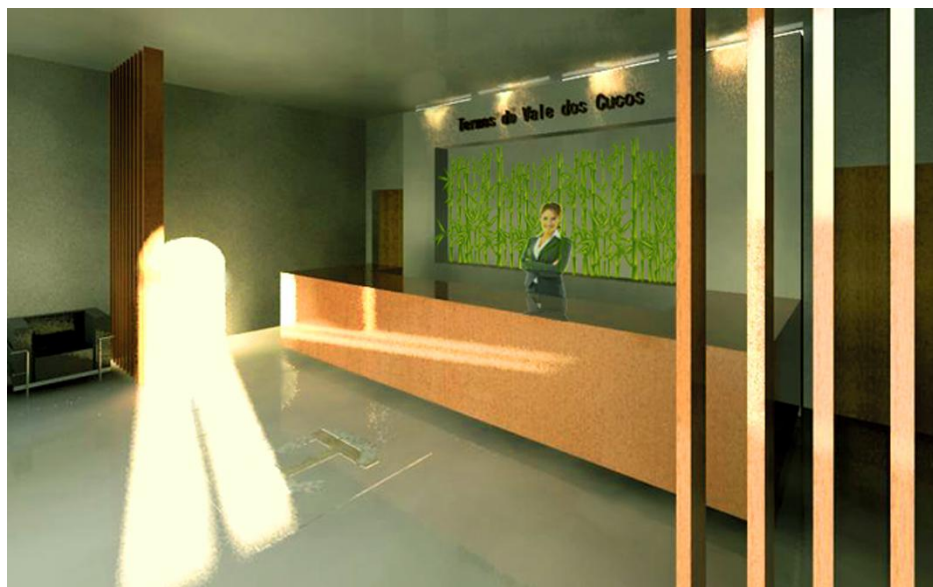
Serviços prestados:

- . Receção com sala de estar.
- . Hospedaria composta por 12 quartos em cada moradia, fazendo um total de 24 quartos, todos com instalações sanitárias privadas.
- . Instalação sanitária com acessibilidades.
- . Economato, serviços de limpeza.
- . Sala de estar.

Envolvente, espaço exterior

- . Estacionamento, 28 cobertos e 9 sem cobertura.
- . Buvette.
- . Ringue de patinagem.
- . Área de jardim, Parque das Termas do Vale dos Cucos.

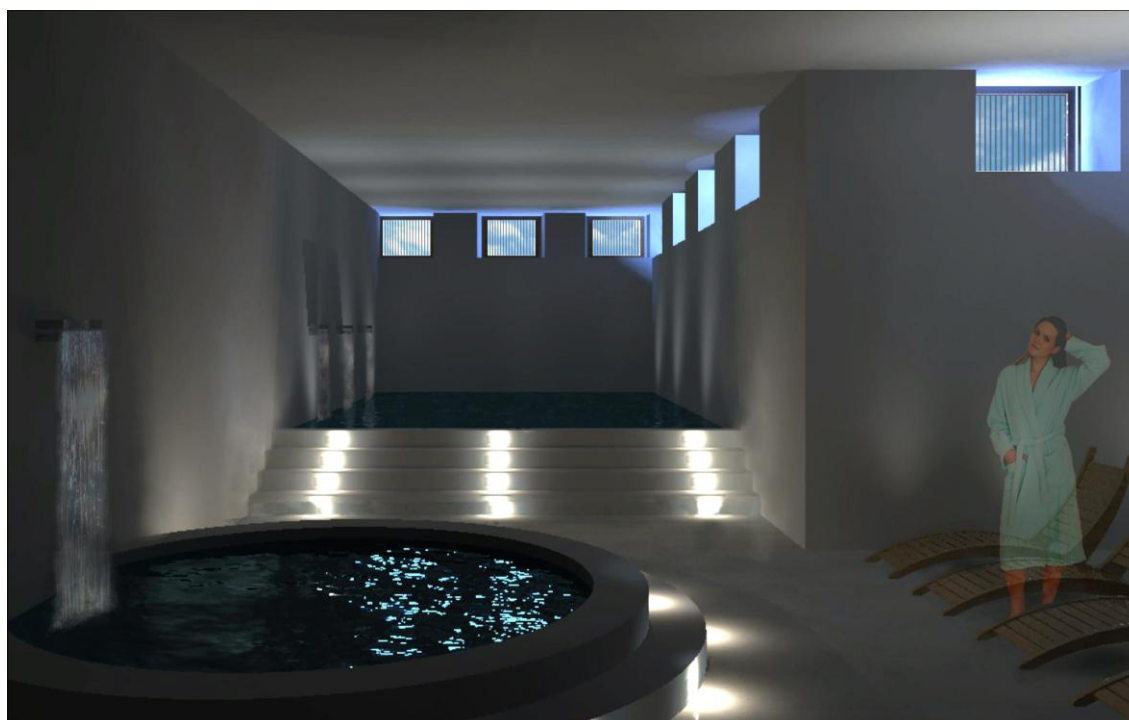
Edifício termal



Receção do edifício Termal 66

Ao entrar-mos pela receção, no piso 0 que se situa a 1,50 metros do chão, visualizamos um espaço agradável com elegantes e modernos móveis que proporcionam uma atmosfera de conforto e qualidade, representativas de todo o serviço prestado naquele local. A iluminação discreta delimita as linhas da divisão e destaca as suas formas. Por duas portas que ladeiam o balcão na receção temos acesso à esquerda, a uma ala que apresenta os tratamentos por banhos de lamas e saunas e à direita os banhos de imersão, ambos com balneários distintos. O corredor central proporciona o acesso vertical ao piso de cota inferior, o acesso à sala dos duches e o acesso direto às instalações de serviço e dos funcionários. Neste piso as alterações efetuadas encontram-se na demolição de paredes, entre a área utilizada para a receção e na substituição da escadaria circular interior que fornecia o piso superior por um elevador que passa a fornecer acesso a todos os pisos.

No piso inferior incorpora-se duas piscinas de tratamentos termais demolindo todas as pequenas divisões que ocupavam este espaço, tornando-o amplo e vocacionado para o descanso e prazer dos aquistas. A iluminação proposta para o local complementa a acústica proporcionada pelo sistema de águas de renovação de piscina, que é incutido na parede que se estende até à sala de apoio à piscina. O ambiente é criado para o benefício e integração do aquista.



Piscinas Termais 67

No piso superior verifica-se a demolição das mesmas paredes que na zona da receção, criando uma zona com a mesma área destinada agora para o ginásio, acrescenta-se uma parede na divisão em frente de forma a originar os balneários. Em frente á capela preservada encontram-se duas salas que dão lugar ao bar, com a demolição da parede divisória. A parede em frente, pertencente á fachada é demolida oferecendo uma conexão entre o antigo hotel e o balneário, representando agora um edifício único denominado de Termas e Spa. Esta ligação é declarada pela presença de uma fachada lisa envidraçada que transparece e destaca-se no contexto, delineando o elemento novo, refletindo o existente.

Restaurante Casino

Neste edifício em particular as alterações são sobretudo no acesso exterior, permitindo a adoção de um sistema elétrico de acessibilidades. As instalações sanitárias para os funcionários são adaptadas e são implementados tetos falsos no primeiro piso de forma a proporcionar o conforto térmico e acústico em todo o piso. Recupera-se o existente e complementa-se com mobiliário mantendo a linha de todo o complexo. O restaurante, a sala de espetáculos ou simplesmente o bar proporcionam entretenimento a quem o frequenta, o bem-estar e o divertimento são harmonizados pelos espaços amplos e convidativos.

Hotel

As moradias apresentam alterações na divisão dos quartos centrais, oferecendo assim instalações sanitárias privadas a cada um dos quartos, posicionando-se dois quartos acima do eixo do corredor e outros dois abaixo deste. Os quartos são providos de aquecimento nos pisos e de tetos falsos facultando conforto acústico e térmico. Os serviços de bar e restaurante e lavandaria são providos pelo edifício casino e pelo edifício termal, de forma a salvaguardar a estrutura arquitetónica dos dois chalés. Apesar das áreas significativas dos quartos a impossibilidade de implementar acessos distintos para funcionários e hóspedes, qualifica o hotel composto pelas duas moradias, num hotel de duas estrelas.

7.3. A Construção

A situação atual do complexo termal, já referido anteriormente, encontra-se fechado sem utilização, com a exceção do parque termal, que é aberto ao público e do edifício casino que encontra-se em restauro para serviços de festas. O único projeto de revitalização para o complexo encontra-se estagnado, sendo que tal projeto passava pela construção de novos edifícios.

Todo o edificado encontra-se em estado degradado sendo que em pior estado estão as moradias, á entrada do complexo, com telhados bastante danificados. As fachadas de todo o construído encontram-se em melhor estado, por terem sido levemente recuperadas, recentemente para a função de cenário para uma novela. O edifício termal em particular abandonou as suas funções em 1998, sendo que apesar de refletir a ausência de aplicações modernas nas suas instalações, estaria preparado para a retificação e melhoramento destas, de forma a entrar em funcionamento.

Antes de mais é necessário referir que antes de qualquer obra de restauro ou reabilitação efetuaram-se testes com a finalidade de diagnosticar a situação real de todo o edificado, identificando os problemas estruturais, nas instalações e componentes, refletindo sobre o nível do estado de conservação.

A proposta para o complexo visa limitar a demolição de paredes existentes de forma a reaproveitar e a preservar o existente, sendo que na carência de adotar as condições técnicas necessárias ao bom funcionamento das atividades, quer na restauração, hotelaria ou termal, fora necessário a remoção de algumas paredes, sobretudo no edifício termal. As fachadas exteriores permanecem intactas com a exceção da fachada a poente das termas. Que na necessidade de estabelecer uma ligação com o antigo hotel, agora reformulado para complemento do estabelecimento de termas e spa, executou-se uma estrutura metálica forrada a vidro, permitindo uma transparência na fachada, identificando o novo elemento. O tratamento das paredes e pavimentos concretizou-se de igual forma, tanto no hotel como nas termas e spa. As paredes interiores foram revestidas com reboco armado e finalizadas com

pigmento de cor branca, os produtos utilizáveis devem ser transpiráveis para evitar questões ligadas à criação de fungos no interior das divisões, eliminando humidades.

Os pavimentos existentes foram quase todos substituídos devido ao estado de degradação e para um melhor enquadramento global. Sendo os pisos revestidos a madeira colocados sobre uma estrutura no mesmo material, fixos por elementos de aço aparafusados. O piso é aquecido por um sistema de aquecimento incorporado entre as estruturas. Nos pisos, sobretudo de carácter técnico e nos acessos principais implementou-se o uso de peças de cerâmica, também com aquecimento por via de tubagem na estrutura de assentamento.

Os tetos falsos são em gesso cartonado com isolamento térmico e acústico. Colocados sobre todas as divisões do hotel, sobre as principais divisões do edifício Casino e sobre algumas das termas e Spa, respeitando as divisões em que se quer evidenciar o pé direito.

A cobertura de todos os edifícios serão primeiramente analisadas para verificar assim o seu estado real. Todas as coberturas que apresentem danos irreparáveis devem ser reconstruídas utilizando o sistema original em madeira, efetuando a colocação de isolamento térmico de poliestireno extrudido entre a estrutura e a colocação das telhas, previamente limpas, procedendo à limpeza e desinfeção das mesmas.

As fachadas mais uma vez refere-se a importância de as manter fiéis à sua natureza, prevendo-se apenas a manutenção constante para o seu tratamento, prevalecendo cores, materiais e componentes originais.

As janelas e portas exteriores serão reparadas sempre que necessário e mantidas no seu estado original, já as portas interiores de forma a colocarem-se sobre o novo contexto apresentado no interior do edifício serão substituídas por portas colocadas à face e resistentes ao fogo, lacadas em branco. O mobiliário e todo o componente decorativo pretende ilustrar a contemporaneidade dos dias de hoje, espelhando uma imagem de conforto e modernidade; num edifício de imagem exterior com uma forte ligação com o passado, entra-se para o presente.

O envolvente será mantido e recuperado, os jardins cuidados e alvos de manutenção sistemática, assim como o parque. Pretende-se a implementação de passeios para os peões de forma a facilitar a transição entre os diversos blocos edificados.

7.4. Legislação

A classificação de Monumento de interesse público visa proteger todo o complexo, permitindo a salvaguarda do seu património arquitetónico e arqueológico, anteriormente descrito. É com base na Portaria n.º 318/2013, no parecer deliberado pela secção do Património Arquitetónico e Arqueológico (SPAA) do concelho nacional de cultura (ambos em anexo) e nos princípios das Cartas e Convenções Internacionais para a salvaguarda do património arquitetónico e arqueológico que nos regemos para a adaptação do edificado para a utilização proposta.

Para a proposta de unidade hoteleira incutida nos edifícios residenciais que já suportavam tal função, recorreu-se à Portaria n.º 327/2008, que no artigo nº6 refere a restrição de tornar o edifício hoteleiro classificado no mínimo com quatro estrelas, sendo que quando as alterações afetarem diretamente a arquitetura do edifício, esta restrição torna-se inválida. Pelo que a classificação do serviço hoteleiro das moradias corresponde na realidade a duas estrelas, pela ausência de acessos distintos para funcionários e clientes. As áreas dos quartos correspondem na verdade a hotelaria de quatro estrelas. Outro aspeto da legislação tido em conta foi o decreto-lei nº 142 de 2004, em anexo, que descreve a organização e funcionamentos dos estabelecimentos termais.

Conclui-se assim que todos os serviços prestados no complexo termal encontram-se segundo a legislação e adaptados à realidade do espaço e da sua função na atualidade.

8. Conclusão

O trabalho apresentado no presente documento resulta de uma investigação concisa sobre a atividade termal e o seu património arquitetónico, averiguando e estudando exemplos que possibilitam transparecer uma ligação entre os conhecimentos do passado e as tecnologias do presente, resultando numa possível proposta para o local em estudo. Para desenvolver a proposta para as Termas do Vale dos Cucos fora necessário conhecer toda a sua origem, histórica, cultural e social de forma a preservar ao máximo o existente, que denota extrema relevância para os habitantes locais. Fora importante perceber também a situação atual do complexo, as propostas elaboradas para o local e suas conclusões.

A evolução e a expansão do termalismo na Europa e em Portugal, as medidas adotadas, a receptividade social de cada época, a história, a cultura e a preservação do seu património. Procedeu-se a uma averiguação sobre o património arquitetónico, sendo o complexo termal classificado como monumento de interesse público, abordando cartas e legislações que preservam e salvaguardam o existente. Abordou-se os benefícios da recuperação da arquitetura existente e a implementação de tecnologias modernas e atuais que oferecem respostas económicas aos interesses do complexo e ao sucesso da integração de serviços de qualidade para a sociedade. A inclusão do sector turístico, tendo em conta o local e as suas características arquitetónicas podem impulsionar a economia, não só do complexo como de toda a região afeta. Para um local sem atual função que recebe inúmeros visitantes nos seus jardins, com certeza que a resposta à reposição da vida no interior dos edifícios seria acolhida e frequentada com sucesso.

O estudo de exemplos semelhantes de termas relevantes permitiu compreender a transição do passado para o presente a partir das suas recuperações, percebendo técnicas e modelos implementados para as reintegrações dos edifícios.

As alterações às estruturas arquitetónicas existentes são justificadas com a melhoria e implementação de tecnologias modernas, conscientes do respeito pelo existente mas também pela necessidade de o manter ativo e não esquecido. A misticidade do local é então preservada, com as suas fachadas neoclássicas de uma beleza conhecida por todos e preservada na memória por quem a vivenciou. Compreender a importância de manter o que nos é deixado com qualidade e veracidade traduz-se na consciencialização da relevância do edificado que se torna numa herança que identifica locais, pessoas, histórias e culturas.

Construir de novo poderá ser um complemento de manutenção e requalificação do existente, e não a sua substituição integral.

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

9. Bibliografia

.Arquivos e Departamentos Oficiais

.Biblioteca Municipal

.Arquivo Histórico Municipal de Torres Vedras

.Divisão de Ordenamento do Território- Camara Municipal de Torres Vedras

.Livros Consultados:

.Termas dos Cucos, Relatório da época balnear de 1893. Lisboa: Tip, Costa Braga, 1894

.Ortigão, Ramalho- Banhos de Caldas e Águas minerais, Porto, Livraria Universal, 1875

.Torres Vedras, Passado e Presente, vol.1, Camara Municipal de Torres Vedras, 1996

.Vieira, Avelino José- Termas dos Cucos, 2. ed. Porto: Imprensa Nacional, 1994

.Vieira, José António Neiva- «As Termas dos Cucos e as suas indicações terapêuticas», sep. Da ver. Clinica, Higiene e Hidrologia, Maio de 1947.

.Termas dos Cucos, Torres Vedras: Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, Espero Clube de Torres Vedras

.Baeza, Alberto Campo, A ideia construída, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA, Setembro de 2009

.AUGÉ, Marc, *Não-lugares*, 3ª edição, Coleção Travessia do século, Campinas, Papirus, 1994

.de S. Paulo, Jorge, 1656, 1967

.Vieira, Júlio, Torres Vedras Antiga e Moderna, Julho de 1926

.Memórias Paroquiais, Stª. Maria A.N.T.T, 1758

.Edição do jornal ilustrado português «A Hora», direção de Bandeira de Tóro, Lisboa 1937

.FREIRE, António Jorge, in Annaes das Thermas dos Cucos - Relatório da Época Balnear de 1893

.Dissertações Consultadas:

.Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura, 2012/2013, Iscte, IUL, Conservação e Manutenção, As Termas do Vale dos Cucos- Torres Vedras.

.Dissertação “Arquitectura Termal em Portugal- em busca do balneário ideal”, Doutor Rui Solla Soares de Lacerda, Arquitecto, 2011.

.Da Graça Gonzalez Briz, Maria, Tese de Mestrado em História da Arte,A Arquitetura de Veraneio, Os Estoris,1880-1930.

.José da Cruz de Jesus, Francisco, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Volume I, Arquitetura Balnear e Modernidade, O exemplo do bairro novo de Santa Catarina da Figueira da foz, 1928-1953.

.Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1998, O templo e as termas dos edifícios públicos de Évora Romana, contributos para uma recuperação e valorização integrada.

.Nuno Serieiro Duarte, Miguel, Dissertação de Mestrado, Mestrado em Estudos do Património, Universidade Aberta, Lisboa, Janeiro de 2008,Volume I, Uma Vila que gravita em redor de uma Instituição Assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533.

.Cristina Lopes Ramos, Ana, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura da FCTUC, Dezembro de 2012, A Piscina de Marés e as Termas de Vals, Por uma recuperação da experiência.

.Ricardo Rodrigues Pinto, Nuno, Dissertação para Mestre em Engenharia Civil, Especialização em Construções, Fevereiro de 2009, Arquitetura termal Portuguesa, Benefícios da sua Recuperação.

.Ferreira, Claudino, Tese de Mestrado, Coimbra, faculdade de Economia de Coimbra, 1994, Os usos sociais do termalismo: práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das Termas da Curia.

.Publicações Consultadas

.O Estoril e as origens do Turismo em Portugal 1911-1931, Centenário do Turismo em Portugal, Maio de 2011, Cascais Camara Municipal.

.Bastos, Cristiana, Das termas aos “Spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica, Seminário Das Termas aos Spas, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 28 Julho 2006.

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos Torres Vedras

.URBANISMO, PAISAGISMO E ARQUITECTURA, ESTÂNCIA TERMAL DA CURIA, Revista "Patrimónios", n.º 2, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), Pós Graduação em "Património e História Local".

.Quintela, Maria Manuel, "A água como agente terapêutico: etnografia comparada das práticas termais em Portugal e no Brasil" vol. 11 (suplemento1):239-60, 2004.

.E-ciência, Revista de ciência, Tecnologia e inovação em Portugal, 2005, Especial Termas de Portugal.

.Associação da Termas de Portugal, Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais, Abril 2009.

.Artigo da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, Termas dos Cucos, Valdemar Neves, 1993.

.Viana de Queiroz, M., Jaime C. Branco, Faculdade de Medicina de Lisboa, Hospital de Santa Maria e Sociedade Portuguesa de Reumatologia, História Breve da Reumatologia Portuguesa.

.Apavisa Porcelanico, Termas do Estoril & Banyan Tree Spa, Arquitetos: Palmer Grego Arquitetos, Arquiteta Noémia Palmer (arquitetura de design interior).

.Alberto Afonso Alexandre, José, Universidade de Aveiro, Departamento de ambiente e ordenamento, O Turismo em Portugal evolução e distribuição.

.Caldas da Rainha, Anexos, Estudo Caso.

.Consulta na Internet

.Critérios gerais para a reabilitação de edifícios habitacionais, 10 de Outubro de 2008

Endereço - http://www.estt.ipt.pt/download/disciplina/1162__Crit%C3%A9riosGeraisReab.pdf

."Das termas aos spas: reconfigurações de uma prática terapêutica", Termas do Estoril, 2002;

Endereço: http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_estoril.html

.Restos de coleção, Hotel do Parque no Estoril, 3 de Fevereiro de 2012

Endereço: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/02/hotel-do-parque-no-estoril.html>

.Matos, Venerando Aspra de, Vedrografias, A Histórias das Termas dos Cucos, 6- A Mudança,

Endereço: <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=Termas+dos+Cucos>

.Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais

Endereço: www.monumentos.pt

.Termas de Portugal, Estâncias Termais, Termas do Estoril

Endereço: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Termas-do-Estoril>

.Termas de Portugal, Estâncias Termais, Termas das Caldas da Rainha

Endereço: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>

.Palácio Estoril

Endereço: <http://www.palacioestorilhotel.com/content/1/20/banyan-tree-spa>

.Centro Hospitalar termal das Caldas da Rainha

Endereço: <http://www.chcrainha.min-saude.pt/index.php?categoria=23>

.Caldas da Saúde

Endereço: <http://caldasdasaude.wix.com/caldasdasaude>

.Banhos na Antiga Roma

Endereço: <http://thearcheology.wordpress.com/2010/06/25/thermae-os-banhos-na-roma-antiga-parte-2/>

.Praias e Termas

Endereço: <http://blog.turismodoalgarve.pt/2011/09/praias-e-termas.html>

.Wellness Center

Endereço: http://ebook.technal.com/en/005_centre-wellness/

.Termas do Estoril & Banyan Tree Spa

Endereço: http://www.apavisa.com/wp-content/catalogos/folleto_termas_ENGLISH.pdf

.Caldas da rainha

Endereço: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CaldasRaiPTBR27.htm>

.Thermae Bath Spa by Grimshaw Architects

Endereço: <http://www.bdonline.co.uk/thermae-bath-spa-by-grimshaw-architects/3071693.article>

.Thermae Bath Spa, Bath, UK

Endereço: <http://grimshaw-architects.com/project/thermae-bath-spa/>

.L'art Nouveau de l'Allier

Endereço: <http://regardailleurs.morkitu.org/escapades/allier/>

.Termas dos Cucos

Endereço: http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_cucos.html

. Termas dos Cucos

Endereço: <http://torresvedrasweb.com/locais/termas-dos-cucos/>

.Cucos, Torres Vedras

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Endereço: <http://cucos-torresvedras.blogspot.pt/>

[.Câmara municipal de Torres Vedras](#)

Endereço: <http://www.cm-tvedras.pt/>

[.Arquivo Municipal de Torres Vedras](#)

Endereço: <http://www.arquivo-tvedras.pt/>

[.Património Cultural](#)

Endereço: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

[.Vichy](#)

Endereço: <http://www.ville-vichy.fr/histoire-vichy.htm>

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

ANEXO I

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

ANEXO II

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

ANEXO III

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

ANEXO IV

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras

ANEXO V

Requalificação das Termas do Vale dos Cucos
Torres Vedras